

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (IFCH)
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

NATÁLIA VELHO NORONHA

**HISTÓRIA DAS MULHERES NA PANDEMIA DA COVID-19: MARCADORES DE
GÊNERO EVIDENCIADOS EM ENTREVISTAS DE HISTÓRIA ORAL COM
ESTUDANTES DA UFRGS (Rio Grande do Sul 2020-2021)**

Porto Alegre

2023

NATÁLIA VELHO NORONHA

**HISTÓRIA DAS MULHERES NA PANDEMIA DA COVID-19: MARCADORES DE
GÊNERO EVIDENCIADOS EM ENTREVISTAS DE HISTÓRIA ORAL COM
ESTUDANTES DA UFRGS (Rio Grande do Sul 2020-2021)**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação
apresentado ao Departamento de História do
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
como requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciatura em História.

Orientadora: Profa. Dra. Natalia Pietra Méndez

Porto Alegre

2023

NATÁLIA VELHO NORONHA

**HISTÓRIA DAS MULHERES NA PANDEMIA DA COVID-19: MARCADORES DE
GÊNERO EVIDENCIADOS EM ENTREVISTAS DE HISTÓRIA ORAL COM
ESTUDANTES DA UFRGS (Rio Grande do Sul 2020-2021)**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação
apresentado ao Departamento de História do
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
como requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciatura em História.

Orientadora: Profa. Dra. Natalia Pietra Méndez

APROVADO: Porto Alegre, 18 de abril de 2023.

Prof^a. Dr^a. Carla Simone Rodeghero
(UFRGS - IFCH)

Me. Hariagi Borba Nunes
Doutoranda (PPGH UFRGS)

Prof^a. Dr^a. Natalia Pietra Méndez
Orientadora (UFRGS - IFCH)

AGRADECIMENTOS

A realização do presente trabalho não teria sido possível sem o apoio da minha família, sem o suporte das amigas e amigos queridos e sem o acompanhamento de professoras e professores especiais na minha trajetória acadêmica. Os últimos semestres revelaram-se desafiadores no que se refere à minha motivação de continuar com a faculdade (após dois anos de pandemia e de trabalho em paralelo às aulas). Cheguei ao ponto de duvidar da escolha que fiz em 2018, ao ingressar no curso de Licenciatura em História. Se não abandonei a universidade e segui inspirada a prosseguir, foi graças ao apoio das pessoas às quais farei menção a seguir:

Gostaria de agradecer especialmente à minha psicóloga, Renata, que me auxiliou em momentos nos quais questioneei profundamente se continuaria na vida acadêmica ou não. Penso que também não teria seguido o caminho até a banca de TCC se não fosse pelas disciplinas de Literatura e Língua Grega, que não permitiram que eu perdesse o interesse na universidade. Por isso agradeço ao professor Leonardo Antunes, responsável pelas melhores cadeiras que cursei nos últimos dois anos e pelo grupo de estudos que reacendeu meu carinho pela faculdade. Agradeço também às professoras sem as quais meu envolvimento nesta pesquisa e a escrita do presente trabalho não seriam possíveis, Carla Rodeghero, minha orientadora de 2019 a 2022 em bolsas de Iniciação Científica e de Extensão, e Natalia Méndez, minha orientadora na pesquisa e elaboração do TCC.

Deixo registrada minha eterna gratidão ao professor que iluminou meus primeiros anos acadêmicos, Enrique Serra Padrós. Desde que ele nos deixou, no dia 23 de dezembro de 2021, foi muito mais difícil seguir acreditando num futuro melhor para a Educação e a História no Brasil. No entanto, seguimos, sem deixar jamais que seu legado e seus ensinamentos se apaguem. Enrique segue vivo nas nossas memórias e práticas enquanto historiadores e historiadoras.

Agradeço a todas as mulheres que se dispuseram a participar do projeto de pesquisa *Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul*. Sem elas, o presente trabalho, e tantos outros, não seriam possíveis.

Uma das minhas redes de apoio, carinhosamente apelidada de “*support group*”, foi imprescindível durante toda a minha trajetória na faculdade. Obrigada, Ana, Carol e Laura, por todo o carinho e pela escuta atenta de vocês. Se me senti amparada, foi porque sempre soube que tenho amigas maravilhosas como vocês, com quem sei que posso contar.

Na faculdade, conheci algumas das melhores pessoas que tive o prazer de chamar de amigas e amigos. Agradeço à minha duplinha, Paola, que esteve ao meu lado em inúmeros trabalhos, ouviu muitos áudios meus, e, junto com a Vitória, a Bea e o Andrei, formou o grupo de “*iluminades*” pelo qual eu tenho tanto carinho. Juntos, passamos muitos intervalos conversando, e, mesmo durante o isolamento, trocamos experiências e muito mais no nosso grupo. À Vitória, além disso, agradeço pela parceria tão bonita que construímos trabalhando juntas e por todo o apoio durante os anos da faculdade.

Agradeço às outras pessoas fundamentais com quem o curso de História me presenteou, Elisa, Leandro, Maju e Vander. Quem mais me ouviu falando sobre a faculdade durante os anos de graduação com certeza foi o Leandro, a quem agradeço especialmente pelo apoio e pelas muitas horas de conversas. Um agradecimento de coração ao Vander, que com tanto carinho me incentivou e apoiou nos últimos meses de escrita, o que, sem dúvida, deixou os dias mais leves e o trabalho mais agradável.

Por fim, e principalmente, ressalto o agradecimento à minha família. O incentivo, o carinho e o suporte oferecido pelos meus pais, desde a minha infância, possibilitaram a caminhada até o final de uma graduação. A parceria, a amizade e o apoio da minha irmã foram fundamentais para que essa jornada fosse também recheada de alegria e amor incondicionais. Sem eles, jamais teria chegado onde cheguei.

Obrigada.

Escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas

(Michelle Perrot, *Minha História das Mulheres*, 2019, p. 16)

RESUMO

O presente trabalho faz uma análise de entrevistas de História Oral de mulheres (estudantes cotistas da UFRGS) realizadas no âmbito do projeto *Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul*. A partir da metodologia da História Oral, entrelaçada com a perspectiva de gênero e da interseccionalidade, objetiva-se responder de que maneiras os marcadores de gênero tornaram-se mais evidentes, na vida das mulheres entrevistadas, durante os dois anos iniciais da pandemia do coronavírus. Argumenta-se que o isolamento social e seus desdobramentos contribuíram para a sobrecarga de trabalho das mulheres, que precisaram equilibrar a vida profissional, as tarefas domésticas, os estudos e os cuidados com os/as filhos/as de maneira acentuada em relação aos anos anteriores. Dessa forma, é possível concluir que a esfera dos cuidados revelou-se central nas vidas de mulheres que são mães, estudantes e trabalhadoras, sendo a pandemia de covid-19 responsável pela acentuação dos marcadores de gênero, assim como de raça e classe.

Palavras-chave: História Oral; História das Mulheres; Marcadores de Gênero; Pandemia de Covid-19; Coronavírus.

ABSTRACT

The present work analyzes Oral History interviews with women (quota students at UFRGS) carried out within the scope of the project *Documenting the Experience of Covid-19 in Rio Grande do Sul*. Based on the methodology of Oral History, intertwined with the perspective of gender and intersectionality, the objective is to answer in what ways gender markers became more evident in the lives of the interviewed women during the first two years of the coronavirus pandemic. It is argued that social isolation and its consequences contributed to the work overload of women, who needed to balance professional life, domestic tasks, studies and childcare in a marked way compared to previous years. In this sense, it is possible to conclude that the sphere of cares proved to be central in the lives of women who are mothers, students and workers, with the covid-19 pandemic being responsible for the accentuation of gender markers, as well as race and class.

Keywords: Oral History; Women's History; Gender Markers; Covid-19 pandemic; Coronavirus.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IFCH Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS

NPH Núcleo de Pesquisa em História da UFRGS

REPHO Repositório de Entrevistas de História Oral da UFRGS

ERE Ensino Remoto Emergencial

COMGRADs Comissões de Graduação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. HISTÓRIA ORAL DE MULHERES NA PANDEMIA	18
1.1 Processo de produção das fontes.....	18
1.2 Chaves de análise das entrevistas.....	23
2. MARCADORES DE GÊNERO NAS ENTREVISTAS DE MULHERES	27
2.1 Processo de análise das fontes e apresentação das entrevistadas.....	27
2.2 Redes de apoio entre mulheres, maternidade, trabalho e estudos.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
ENTREVISTAS	51
REFERÊNCIAS	53
ANEXOS	56
ANEXO A - CARTA DO COLETIVO DE MÃES DA UFRGS	56
ANEXO B - MANIFESTO DOCENTES MÃES	68

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso faz uma análise de entrevistas de História Oral de mulheres (estudantes cotistas da UFRGS), realizadas no âmbito do projeto *Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul*. Pretendo responder o seguinte problema de pesquisa: **de que maneiras os marcadores de gênero tornaram-se mais evidentes, na vida das mulheres entrevistadas, durante a pandemia do coronavírus¹?** Com essa questão, e partindo da abordagem da História Oral entrelaçada com a perspectiva de *gênero* e da *interseccionalidade*, a pesquisa insere-se na área de História das Mulheres e dos Estudos de Gênero. Importante ressaltar que me localizo como mulher cisgênero, branca, historiadora em formação e feminista, tendo o objetivo de, com este trabalho, somar com a produção de conhecimento no que se refere à perspectiva de gênero e da interseccionalidade na área de História das Mulheres, focalizando o período da pandemia de covid-19 (2020-2021) no Rio Grande do Sul.

A relevância e a originalidade do projeto se dão por algumas razões. Primeiramente, pensando no dever de memória, percebo a necessidade de, como historiadora, pesquisar o momento histórico no qual estou inserida. Refiro-me à pandemia do coronavírus, que eclodiu no ano de 2020, com seus impactos e desdobramentos na sociedade, uma vez que em 2023 ainda vivenciamos as consequências desse período. Em seguida, mas não menos relevante, destaco a importância de estudar e analisar a História Oral de mulheres. A revisão bibliográfica feita para esta pesquisa permitiu esclarecer a especificidade do tema e, principalmente, dessa história no contexto da pandemia. A historiadora italiana Silvia Salvatici, em seu artigo *Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres*, aponta que

A história oral de mulheres contribui para destacar a interconexão entre a construção de papéis sociais e os direitos de cidadania nas narrativas coletivas; isso significa que a história oral de mulheres suscita novas questões na esfera da relação entre história e memória. [...] A história oral de mulheres tem destacado a urgência do 'processo de democratização da memória', que é a condição básica para as democracias contemporâneas.²

¹ Em março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou que a contaminação pelo novo coronavírus (sars-cov-2) atingira estado de pandemia, tendo em vista a rápida disseminação geográfica que o covid-19 vinha apresentando. ASCOM SE/UNA-SUS. Organização Mundial de Saúde declara pandemia do novo Coronavírus. UNA-SUS, 2020. Disponível em: <<https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>>. Acesso em: 20, março 2023.

² SALVATICI, S. Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres. *História Oral*, [S. l.], v. 8, n. 1, 2009. DOI: 10.51880/ho.v8i1.114. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/114>. Acesso em: 15 jul. 2022. p. 36

Meu problema de pesquisa legitima-se justamente por essa contribuição da História Oral de mulheres para pensarmos a relação entre história e memória e para democratizarmos o acesso à memória. Assim, pretendo analisar entrevistas de História Oral de mulheres nas quais os relatos sobre a experiência vivida na pandemia são centrais. Outra questão fundamental é a análise de Hetan Shah, que “assinalou a importância das humanidades no combate à pandemia. Segundo o autor, epidemias são fenômenos biológicos e sociais. As análises qualitativas das ciências humanas e sociais ajudam a avaliar os impactos sociais e o comportamento humano no que diz respeito às políticas contra-epidêmicas”³. Por isso o esforço de contribuir com as pesquisas em ciências humanas sobre esse período.

Finalmente, o projeto de pesquisa é viável porque conta com fontes disponíveis no Repositório de Entrevistas de História Oral (REPHO/UFRGS), que é o acervo digital da UFRGS no qual as entrevistas de História Oral do projeto *Documentando a Experiência da Covid-19* estão armazenadas. As entrevistas também encontram-se disponíveis no canal do Youtube “História Oral Covid 19 REPHO UFRGS”⁴. Tendo trabalhado como bolsista nesse projeto e na equipe do REPHO, eu mesma participei da gravação, processamento, transcrição e arquivamento de várias das entrevistas, o que facilita meu acesso e conhecimento das fontes.

O processo de definição do tema e da escrita do presente trabalho partiu, por um lado, de uma afinidade pessoal com a área e, por outro, do acaso. Explico: desde a minha entrada no curso de Licenciatura em História, soube que as áreas de História das Mulheres e de Estudos de Gênero muito me interessavam. Busquei desde o início do curso, em 2018/1, matricular-me em disciplinas com essas temáticas, além de realizar leituras e formações complementares fora da faculdade. Já o meu envolvimento com a metodologia desta pesquisa veio mais tarde, em 2020, quando iniciei uma bolsa de Iniciação Científica na área de História Pública e História Oral, sob orientação da professora Carla Simone Rodeghero. Por conta disso, passei a fazer parte da equipe do Repositório de Entrevistas de História Oral da UFRGS

³ SHAH, H. COVID-19 recovery: science isn't enough to save us. *Nature*, London, v. 591, Mar.25, 2021. <https://doi.org/10.1038/d41586-021-00731-7...> apud RODEGHERO, Carla Simone e WEIMER, Rodrigo de Azevedo. Pode a História Oral ajudar a adiar o fim do mundo? Covid-19: Tempo, Testemunho e História. **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro) [online]. 2021, v. 34, n. 74 [Acessado 15 Janeiro 2023], p. 476

⁴ Ver <https://www.youtube.com/@historiaoralcovid19-rephou51/videos>

(REPHO/UFRGS), o qual armazena as fontes deste trabalho⁵. Assim, ressalto a importância das bolsas de Iniciação Científica para a realização de pesquisas como essa.

Portanto, os documentos escolhidos como fonte são sonoros e foram intencionalmente produzidos por historiadores da UFRGS, em parceria com outras instituições, no âmbito do projeto *Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul*, do qual fiz parte de 2020 a 2022 devido a minha condição de bolsista de Iniciação Científica. O projeto foi criado em 2020 e consiste num esforço interdisciplinar e interinstitucional que, através da metodologia da História Oral, coleta, armazena, processa e disponibiliza documentos e entrevistas realizadas com determinados públicos-alvo, tendo por objetivo documentar e preservar registros sobre o período sócio-histórico da pandemia do coronavírus (como experiências subjetivas e profissionais) para futuras análises de pesquisadores(as) e interessados/as em geral.

Sendo parte da equipe do REPHO e do projeto *Documentando* desde o princípio, estive envolvida em diversas etapas da produção das entrevistas e tenho familiaridade com o acervo, uma vez que colaborei tanto como entrevistadora quanto no processamento, catalogação, transcrição e disponibilização de algumas entrevistas no site do REPHO. Foi dessa maneira que acabei escolhendo analisar entrevistas de História Oral para realizar esta pesquisa. Um fator a ressaltar é que as fontes são de fácil acesso também para o público geral, posto que qualquer um pode acessar o site do REPHO e encontrá-las. Outro ponto relevante sobre as entrevistas selecionadas é o fato de terem sido escolhidas apenas entrevistas de mulheres, pois mesmo tratando-se de uma análise a partir da perspectiva de gênero, o foco do trabalho não é um estudo comparativo entre as narrativas de homens e mulheres. Enquanto pesquisadora, tomei a decisão de privilegiar a escuta das experiências das narradoras, vinculadas às concepções de feminilidade vigentes e objetivando evidenciar em que medida os marcadores de gênero se fazem presentes nas suas falas, marcando seus papéis impostos de cuidadoras, por exemplo.

⁵ As entrevistas de mulheres (estudantes cotistas), selecionadas como fontes que fundamentam a pesquisa, estão armazenadas no Repositório de Entrevistas de História Oral da UFRGS (REPHO/UFRGS), o qual, vinculado ao Núcleo de Pesquisa em História do IFCH da UFRGS (NPH/UFRGS), é o acervo da universidade responsável por preservar e processar entrevistas de História Oral. Criado em 2017, constitui um banco de dados e site que armazena, organiza e disponibiliza para o público entrevistas de História Oral desenvolvidas por docentes e discentes do Departamento e PPG em História da UFRGS. O REPHO oportuniza a formação de profissionais na metodologia da História Oral, potencializa o alcance das entrevistas e de pesquisas acadêmicas as quais envolvem a História Oral e, além disso, promove atividades virtuais e/ou presenciais que possibilitam trocas entre pesquisadores/as, pessoas entrevistadas, comunidade acadêmica e público em geral.

Deste modo, irei executar a minha pesquisa através da metodologia da História Oral, uma vez que as próprias fontes são entrevistadas, e a chave de análise das mesmas parte dos pressupostos dessa área. De acordo com os historiadores José Meihy e Fabíola Holanda, uma das definições de “História Oral é uma prática de apreensão de narrativas feita através do uso de meios eletrônicos e destinada a: recolher testemunhos, promover análises de processos sociais do presente, e facilitar o conhecimento do meio imediato”⁶. Sigo a descrição dos autores da História Oral como método que “se ergue segundo alternativas que privilegiam as entrevistas como atenção essencial dos estudos. Trata-se de centralizar os testemunhos como ponto fundamental, privilegiado, básico, das análises. História Oral como metodologia implica formular as entrevistas como um epicentro da pesquisa.”⁷

Selecionei dez⁸ entrevistas de mulheres nas quais são evidenciados os entrelaçamentos entre maternidade, estudo, trabalho e redes de apoio entre mulheres durante o período da pandemia de covid-19, mais especificamente entre 2020 e 2021. Veremos como foi a experiência de estudantes da UFRGS que são mães, alunas e trabalhadoras com as imposições causadas pelo coronavírus. O isolamento social, tema central da maioria das entrevistas, foi colocado em prática em diversos setores da sociedade durante os anos mencionados e implicou, em inúmeros casos, o deslocamento da esfera pública para a privada, por exemplo: o trabalho presencial passou a ser exercido em casa (*home office*); com as creches e escolas fechadas, as mães precisaram equilibrar o trabalho doméstico, o ensino e cuidado dos filhos com as atividades laborais e de estudo. Tenho como hipótese que um dos principais marcadores de gênero será a esfera dos cuidados, uma vez que as análises preliminares revelaram diversos casos em que ficou delegado às mulheres o cuidado dos filhos, dos cônjuges e dos pais, e de maneira mais acentuada do que era antes da eclosão da pandemia. Outra questão, que foi de onde o projeto partiu, é a própria maternidade, pois as quatro primeiras entrevistas que selecionei como fonte abordam a vivência da maternidade durante a pandemia, com seus desafios e especificidades. Pretendo avaliar o quanto esses e outros marcadores foram evidenciados nas narrativas.

Portanto, o objetivo é fazer uma análise das entrevistas enfocando a perspectiva de gênero, além de pensar especificidades que acometem as mulheres desde a eclosão da pandemia de covid-19, em 2020, com foco no grupo de entrevistadas, mas também

⁶ MEIHY, José C. S. B.; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. 2 ed., 9a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2022. p. 18

⁷ *Ibidem*. p. 72

⁸ São dez vídeos de entrevistas de mulheres no total, sendo que uma mesma mulher pode ter sido entrevistada duas vezes (em 2020 e em 2021) ou sua entrevista pode estar dividida em partes 1 e 2.

comparando com bibliografia já produzida sobre o tema. Para responder à questão, irei evidenciar quais são esses marcadores de gênero e qual seria a definição de “mulher”, já que as entrevistadas identificam-se enquanto mulheres cisgênero. Importante esclarecer isso porque o conceito do que é uma mulher irá sempre depender do contexto social e histórico no qual estamos inseridos, como veremos adiante. Ainda a respeito da construção da pesquisa, foi realizada uma revisão bibliográfica preliminar. A partir de pesquisas no Google Acadêmico e no SciELO, buscando por palavras-chave como “gênero e pandemia”, “mulheres e pandemia”, “historiadores e pandemia”, “história e covid-19” e outras variações desses temas, encontrei no Google Acadêmico alguns artigos sobre os quais decidi debruçar-me antes de iniciar a análise das fontes. Os textos destacados a seguir foram ao encontro do que eu gostaria de compreender para desenvolver a pesquisa, tendo sido esse um dos pontos de partida para o projeto.

Para refletir sobre o arquivamento da pandemia, selecionei o artigo da historiadora Andréa Casa Nova Maia, intitulado *Arquivando a Pandemia: Projetos de historiador e “dever de memória”*⁹, uma vez que trabalhei diretamente com o acervo de entrevistas do projeto *Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul* e o arquivamento da pandemia deve ser analisado na pesquisa. Maia destaca justamente o mencionado **dever de memória** e a necessidade de nós, como historiadoras e historiadores, pesquisarmos este momento, além de produzirmos e armazenarmos o conhecimento histórico sobre o que estamos vivendo hoje. E é exatamente esta a minha intenção.

Por sua vez, o artigo da historiadora Wilma de Lara Bueno, *História das mulheres em tempos de pandemia*¹⁰, revelou-se fundamental porque enfoca a mesma temática que pretendo estudar, pensando na condição das mulheres frente à pandemia e trazendo reflexões acerca da própria historiografia. A leitura de seu texto possibilitou a localização do tema da minha pesquisa em uma área que vem tomando seu espaço, a História das Mulheres, e a autora reflete acerca da produção historiográfica sobre o tempo presente, algo que também é interessante para o meu estudo. Trazendo um breve histórico do cotidiano das mulheres trabalhadoras, a teoria da autora é que, durante a pandemia de covid-19, o confinamento doméstico e diversos outros fatores fizeram com que as mulheres, especificamente, tivessem que assumir mais obrigações. As trabalhadoras precisaram dar conta do trabalho dentro e fora

⁹ MAIA, Andréa C. N. Arquivando a Pandemia: Projetos de historiador e “dever de memória”. *Estudos Ibero Americanos*, v. 47, n. 3, p. e41291, 4 nov. 2021.

¹⁰ BUENO, Wilma de Lara. História das mulheres em tempos de pandemia. *Filosofia e Educação*, [S. l.], v. 12, n. 3, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8661985>. Acesso em: 25 jun. 2022.

de casa (como muitas sempre fizeram), e de maneira acentuada. A desvalorização do trabalho feminino e a presença das mulheres nos espaços públicos sofreu um abalo, evidenciando visões conservadoras sobre o papel feminino na vida social. Muitas outras questões relevantes ainda são evidenciadas no artigo, como o aumento do feminicídio, sobretudo entre as mulheres negras.

Os principais referenciais teóricos nos quais me baseio são os textos das autoras Joan Scott, Kimberlé Crenshaw, Carla Akotirene, Linda Nicholson, Natália Pietra Méndez, Donna Haraway, Wilma de Lara Bueno, Andréa Casa Nova Maia, Silvia Salvatici, Marta Gouveia de Oliveira Rovai, Polyana Aparecida Valente e Vânia Nara Pereira Vasconcelos. Meu enfoque na perspectiva de **gênero** parte da conceituação da historiadora Joan Scott, que pensa gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” e como “uma forma primária de dar significado às relações de poder”¹¹. No entanto, há debates mais recentes sobre as conceituações dessa categoria, que veremos mais adiante, a fim de mobilizá-la para analisar as entrevistas. A conceituação de **mulher** será discutida a partir das contribuições de Linda Nicholson, que pensa sua definição como uma categoria histórica instável e que precisa ser contextualizada e situada. Também cabe um aprofundamento do conceito de **interseccionalidade**, pensando nos entrecruzamentos entre gênero, raça e classe, já que tal perspectiva, como mencionada no livro de Carla Akotirene¹² e no artigo de Kimberlé Crenshaw¹³, serve justamente pela necessidade de não hierarquizar as opressões, como veremos no primeiro capítulo.

Importante justificar aqui o uso da primeira pessoa na escrita, uma vez que não pretendo forjar uma objetividade baseada num afastamento do meu tema de pesquisa. A filósofa Donna Haraway, em seu artigo *Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial* afirma que “a objetividade feminista trata da localização limitada e do conhecimento localizado, não da transcendência e da divisão entre sujeito e objeto. Desse modo podemos nos tornar responsáveis pelo que aprendemos a ver”¹⁴; portanto, entendo o conhecimento como culturalmente, materialmente e historicamente constituído e situado. Ainda segundo a autora, é a perspectiva parcial que possibilita a

¹¹ SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, no 2, jul./dez. 1995, p. 86.

¹² AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

¹³ CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**. Ano 10 vol. 1, 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>> Acesso em: 20 mar. 2023.

¹⁴ HARAWAY, D. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, (5), p. 21

avaliação crítica objetiva e racional; posicionar-se é fundamental. Posiciono-me como mulher feminista, sabendo que “o feminismo tem a ver com uma visão crítica, consequente com um posicionamento crítico num espaço social não homogêneo e marcado pelo gênero”¹⁵. Assim, veremos também como o gênero enquanto fio condutor auxilia na análise das entrevistas e a importância de estudarmos a História Oral de mulheres.

Por fim, o trabalho divide-se em dois capítulos, sendo o primeiro focado nas condições de produção das fontes, na minha experiência enquanto pesquisadora e nas especificidades de se fazer História Oral na pandemia. Ademais, em termos de referenciais teórico-metodológicos, a pesquisa dialoga com autores como Alessandro Portelli, Jennifer Cramer, Carla Rodeghero e Rodrigo de Azevedo Weimer, além das autoras supracitadas nesta introdução. Já o segundo capítulo refere-se à análise dos elementos específicos que encontrei nas fontes, como os impactos causados pelas medidas de distanciamento social, a fim de minimizar a propagação viral, que fez com que as mulheres/mães/trabalhadoras/estudantes precisassem dar conta dos trabalhos domésticos, do cuidado e educação dos filhos, e das próprias atividades laborais e de estudos, uma vez que, com a imposição do isolamento social,

Tornou-se providencial fechar escolas, comércios e diversos outros estabelecimentos; confinar-se em casa – se possível – e passar a seguir protocolos sanitários. Diante dessa realidade, uma parte da população passou a permanecer em sua residência ao longo de grande parte do dia, entrando em contato com ininterruptas demandas domésticas, cujo gerenciamento foi muito mais uma responsabilidade das mulheres em comparação aos homens, o que significou a intensificação das hierarquias de gênero no contexto social brasileiro da pandemia (Birman, 2020).¹⁶

¹⁵ HARAWAY, D. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, (5), p. 31

¹⁶ FERRARI, Andrea; KESSLER, Júlia; SARTORETTO, Carolina; SILVA, Milena da. Desamparo em Relatos: mulheres que são mães na pandemia de covid-19. **Revista Affectio Societatis**, Colombia, Vol. 19, N.º 37, julio-diciembre de 2022 Art. 9. p. 4. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/368977268_desamparo_en_relatos_mujeres_que_son_madres_en_la_pandemia_de_COVID-19

1. HISTÓRIA ORAL DE MULHERES NA PANDEMIA

1.1 Processo de produção das fontes

Para falarmos das condições de produção das fontes deste trabalho, vamos primeiro entender como a História Oral se caracteriza. No minicurso “Introdução à metodologia da História Oral”, ministrado pela Profa. Dra. Carla Simone Rodeghero (UFRGS) e pela Profa. Me. Juliana Carolina da Silva (UFRGS) no XV Encontro Estadual de História ANPUH RS (2020), as professoras destacaram algumas questões teóricas que costumam permear a História Oral. Entre elas, temos os campos de Memória e História, Indivíduo e coletividade, Memória e esquecimento, Subjetividade e objetividade, Narrativa, « Fatos » e representações, Tempo presente, Trauma, Testemunho, Lugares de Memória, Políticas de Memória e Dever de Memória. Sendo assim, podemos concluir que é uma área abrangente, a qual permite o desenvolvimento de pesquisas diversas.

A História Oral, de acordo com Alessandro Portelli, é uma “arte da escuta” e um trabalho histórico no qual “questões ligadas à memória, narrativa, subjetividade e diálogo moldam a própria agenda do historiador”¹⁷. O autor caracteriza as fontes resultantes desse trabalho enquanto “narrativas individuais, informais, dialógicas, criadas no encontro entre historiador e narrador”¹⁸, ou seja, a História Oral encontra-se “entre a oralidade da fonte e a escrita do historiador”¹⁹. Outra autora, Jennifer Cramer, afirma que o objetivo fundamental dos profissionais da área é “criar e disseminar fontes primárias em nome de uma história pública compartilhada”²⁰. Grosso modo, podemos dizer que a História Oral consiste em uma metodologia que produz e analisa fontes históricas partindo de entrevistas orais.

Com isso posto, o processo de fazer História Oral não é tarefa simples. Há todo um trabalho feito previamente ao momento do contato com o/a entrevistado/a, desde a proposição do projeto (e envio para comitês de ética, se for o caso) até as pesquisas feitas sobre o tema e sobre a pessoa entrevistada, além da elaboração do roteiro e da carta de cessão. Para a entrevista, os equipamentos devem estar preparados e o/a entrevistador/a familiarizado com os mesmos. Durante a conversa, o/a pesquisador/a também precisa estar atento a inúmeros

¹⁷PORTELLI, Alessandro. **A História Oral como arte da escuta** / [tradução Ricardo Santhiago]. - São Paulo: Letra e Voz, 2016. - (Coleção Ideias). p. 10

¹⁸ *Ibidem*, p. 9

¹⁹ *Ibidem*, p. 12

²⁰CRAMER, Jennifer A. “First, Do No Harm”: Tread Carefully Where Oral History, Trauma, and Current Crises Intersect, **The Oral History Review**, 47:2, 203-213, 2020. p. 208

fatores a fim de manter os envolvidos confortáveis com a entrevista. A postura de escuta ativa e empática deve ser mantida. Isso sem falar do processo pós entrevista, que costuma ser trabalhoso. Geralmente é feita a edição do material gravado, caso venha a ser publicado, e é feita a transcrição da entrevista (inteira ou de partes dela). Só depois de tudo isso é que começam as análises dos/as pesquisadores/as. Existe muito mais por trás das entrevistas do que foi mencionado, mas iremos parar por aqui porque não é o intuito deste trabalho aprofundar tais questões.

O relevante é que, em um contexto pandêmico no qual o isolamento social tornou-se obrigatório, os pesquisadores da área passaram a lidar com novos desafios: a distância física entre entrevistadores/as e entrevistados/as imposta pelas medidas de distanciamento social; os possíveis problemas de conexão da internet (fator que pode inclusive ser excluyente para a participação de determinados públicos); as dificuldades técnicas causadas muitas vezes pela falta de familiaridade com as ferramentas digitais; problemas de áudio que prejudicam a compreensão mútua, entre outros empecilhos. Ademais, entrevistas a distância podem inclusive prejudicar a construção de laços entre os envolvidos.

Para pensar a História Oral produzida sobre e durante a pandemia de covid-19, baseio-me nos estudos feitos na minha bolsa de Iniciação Científica e parto do artigo *First, do not harm*, de Jennifer Cramer²¹. A autora aponta o fato de a pandemia de coronavírus distinguir-se de outras crises e catástrofes que começam e terminam rapidamente, como incêndios, enchentes e tornados. Tais experiências são, via de regra, registradas em projetos de História Oral depois de os eventos já terem passado, o que não ocorre no caso da pandemia. As entrevistas realizadas no contexto pandêmico ocorrem *durante* a crise, o que com certeza afeta a avaliação tanto dos/as entrevistados/as quanto dos/as entrevistadores/as, os quais encontram-se tão inseridos no momento histórico quanto os sujeitos entrevistados.

Cramer ressalta também que a pandemia da covid-19 consiste em um evento global que se arrasta no tempo, não sendo um fenômeno geograficamente restrito. No entanto, concordo com a professora Carla Rodeghero, que no artigo *História oral da Covid 19 – riscos e benefícios na participação em entrevistas* questiona a noção de “evento global”, pois devemos considerar

que a catástrofe tem assumido dimensões variadas no planeta e que, mesmo numa realidade circunscrita como a contemplada pelo nosso projeto, há muita diversidade nas experiências vividas e relatadas nas entrevistas. A

²¹ CRAMER, Jennifer A. “First, Do No Harm”: Tread Carefully Where Oral History, Trauma, and Current Crises Intersect, *The Oral History Review*, 47:2, 203-213, 2020.

Covid 19 não tem sido a mesma catástrofe para todas as pessoas e comunidades.²²

Com base nos pressupostos da História Oral e na ideia de dever de memória, inspirados em projetos desenvolvidos em diversos países e instituições, Carla Simone Rodeghero, Clarissa Sommer Alves e Rodrigo de Azevedo Weimer conceberam e coordenaram o projeto *Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul*. São 14 instituições gaúchas envolvidas na pesquisa, sendo 10 delas com projetos de História Oral. No artigo *Pode a História Oral ajudar a adiar o fim do mundo? Covid-19: Tempo, Testemunho e História*, Rodeghero e Weimer esclarecem que “cada instituição envolvida encarregou-se de entrevistar pessoas pertencentes a determinado segmento da sociedade sul-rio-grandense. Espera-se que o conjunto das entrevistas constitua um mosaico de vivências pandêmicas”²³. O público-alvo pelo qual a UFRGS ficou responsável foi o grupo de estudantes de baixa renda da universidade e seus familiares. O grande objetivo do projeto é produzir registros a respeito do cotidiano das pessoas na pandemia, afinal, como afirmam Rodeghero e Weimer, existe uma

dupla dimensão da história oral (Alberti, 2004: 33–43): ela é, ao mesmo tempo, relato e resíduo de ação. Testemunhar não é apenas relatar ação do passado, mas agir no presente. No contexto da pandemia e da onda negacionista, narrar o presente é agir sobre ele.²⁴

A participação espontânea do público deu-se através do preenchimento de dois formulários, um geral, para que qualquer pessoa pudesse participar²⁵, e outro no âmbito da UFRGS, a fim de selecionar as pessoas que encaixavam-se no público-alvo a ser entrevistado. O formulário geral foi divulgado nas redes sociais e no site do Repositório de Entrevistas de História Oral da UFRGS (REPHO), do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS (IFCH/UFRGS), do Núcleo de Pesquisa em História da UFRGS (NPH/UFRGS) e através de e-mail enviado pelas Comissões de Graduação (COMGRADs) da UFRGS aos seus alunos. Para que o perfil dos participantes pudesse ser traçado, foram solicitadas algumas informações de identificação pessoal como faixa etária, identificação étnico-racial, identidade de gênero, orientação sexual, dados sobre ocupação e renda familiar. Sobre o coronavírus, foi perguntado se o indivíduo estava incluído no grupo de risco e se havia sido contaminado pelo vírus.

²² RODEGHERO, Carla. A participação em entrevistas história oral: “riscos”, “danos” e “benefícios” em um projeto sobre a Covid-19. Encaminhado para publicação.

²³ RODEGHERO, Carla Simone e WEIMER, Rodrigo de Azevedo. *Pode a História Oral ajudar a adiar o fim do mundo? Covid-19: Tempo, Testemunho e História*. **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro) [online]. 2021, v. 34, n. 74 [Acessado 15 Janeiro 2023], p. 477

²⁴ *Ibidem*, p. 487

²⁵ Disponível em: <https://www.apers.rs.gov.br/documentando-covid19-rs>

Ademais, havia diversos campos com espaços para respostas dissertativas sobre as experiências nos meses de isolamento social. Também era possível inserir registros cotidianos como fotos, áudios ou documentos, caso a pessoa desejasse compartilhar.

Já com o formulário específico, a meta da UFRGS era selecionar 50 inscritos que fizessem parte do público-alvo, isto é, estudantes de graduação da UFRGS beneficiários/as PRAE e ingressantes nas categorias L1, L2, L9 e L10²⁶ e seus familiares. No total, foram cento e duas inscrições, entre as quais cinquenta pessoas foram selecionadas para serem entrevistadas, buscando contemplar diversidade tanto de tipo de cota quanto de região, curso, idade, identidade de gênero etc. Em caso de grupos não representados ou pouco representados entre as adesões foram feitos convites, como foi o caso de estudantes indígenas e pessoas com deficiência. Em agosto de 2020, as entrevistas começaram através de plataformas digitais de videoconferência, respeitando as medidas de distanciamento impostas pela pandemia.

A equipe de pesquisadores/as foi composta por mais de vinte pessoas²⁷, entre as quais docentes e servidoras técnico-administrativas da UFRGS, estudantes de graduação, de pós-graduação e egressos. A colaboração por parte dos/as estudantes se deu tanto como estagiários quanto como bolsistas, mas também como voluntários. Eu mesma participei do projeto por conta da bolsa de Iniciação Científica, como mencionado na introdução. Desse modo, estive desde o início do projeto envolvida nas reuniões e estudos preparatórios, na realização de algumas entrevistas e depois no processamento, catalogação, transcrição e divulgação das mesmas. Pude, assim, ver de perto a História Oral sendo posta em prática; a equipe levou a sério a tarefa e temos colhido bons resultados, como vem sendo observado pelas pesquisadoras e pesquisadores envolvidos²⁸.

²⁶ Cotas de ação afirmativa para egressos de escola pública, autodeclarados pretos, pardos ou indígenas, pessoas com deficiência e renda familiar de um salário e meio por pessoa.

²⁷ Membros da equipe UFRGS entre 2020 e 2021: Alanna de Jesus Teixeira - Amanda Luiza Mattje Flores - Ana Carolina Martinez - Andressa da Silveira Carvalho - Anne Alves da Silveira Alves - Arthur Harder Reis - Carla Simone Rodeghero - Carlos Eduardo Barzotto - Carolina Medina da Costa - Cássia Daiane Macedo da Silveira - Cláudia Mauch - Eduarda Borges da Silva - Evelin Stahlhoefer Cotta - Felipe Nunes - José Augusto Zorzi - João Paulo Carvalhal - Juliana Carolina da Silva - Letícia Wickert Fernandes - Manuela Perondi Pavoni - Marina da Silva Widholzer - Marisângela Martins - Morgan Lemes Santos - Natália Velho Noronha - Neila Prestes de Araujo - Lenander Stamatto - Lucas Ramos - Ricardo Faria Corrêa e Scarpini - Regina Célia Lima Xavier - Vithoria Konzen Dill - Vinícius Furini.

²⁸ A existência do acervo do projeto favorece o uso da História Oral em pesquisas, como vemos através dos trabalhos de conclusão de curso de Marina da Silva Widholzer, “Experiências de estudantes da UFRGS no contexto da pandemia: história oral e divulgação científica” e de Henrique Lemos, “História, Covid-19 e as relações com as tecnologias durante o ensino remoto: A produção de um podcast de ensino de história e divulgação científica”.

No aspecto mais técnico, foi criado um “Passo-a-passo para a realização de entrevistas de História Oral a distância” para que a equipe do projeto tivesse um guia comum a ser seguido, o qual ia desde o primeiro contato com os/as entrevistados/as até as instruções de como preencher as fichas técnicas. O roteiro das entrevistas, por sua vez, contemplou perguntas sobre o contágio pelo coronavírus, o tratamento e o atendimento médico-hospitalar, os casos de morte, as precauções tomadas a fim de evitar o contágio, a avaliação das políticas públicas em nível municipal, estadual e federal, a forma como as pessoas procuraram se informar sobre a pandemia, as expectativas sobre a vacina e futuro, entre outras questões. Importante ressaltar que não foram feitas perguntas específicas pensando em um recorte de gênero, que é o foco da minha pesquisa, então o presente trabalho só pôde analisar o que apareceu voluntariamente na fala das entrevistadas.

Com o prolongamento da pandemia e do isolamento social em 2021, os coordenadores decidiram realizar uma segunda conversa com as pessoas entrevistadas no ano anterior, a fim de entender o que poderia ter ocorrido nas suas vidas durante o aumento de contágios e mortes no país. Para lidar com possíveis situações e narrativas permeadas pelo luto e pelo trauma, a equipe realizou leituras e conferências para melhor preparar-se para esse cenário. O roteiro de perguntas também foi adaptado. Dessa forma, a prática foi guiada pela leitura e discussão de literatura especializada e pelo cuidado no que se refere aos potenciais riscos que poderiam acometer os/as participantes. Além desses cuidados, também atentamos para as disputas no que se refere ao campo da memória. Carla Rodeghero e Rodrigo Weimer lembram que

assistimos, no presente, um negacionismo quanto à gravidade da crise sanitária, quanto aos conhecimentos científicos para combatê-la e até mesmo quanto ao real número de mortes. As disputas pela memória não ocorrem retrospectivamente, mas agora, em tempo real, na velocidade das redes sociais, e é agora que o/a historiador/a deve travar as justas batalhas por uma memória que possa dar conta do horror.²⁹

Ademais, há a particularidade de fazer entrevistas sobre uma experiência que, no geral, é comum entre os/as entrevistados/as e os/as entrevistadores/as. Não apenas a pessoa entrevistada vive o momento sobre o qual relata; a pessoa que entrevista está igualmente inserida no processo histórico sobre o qual reflete e analisa. Tal apontamento merece destaque porque na própria realização dessa pesquisa podemos entrever essa dualidade. No momento de escrita do presente trabalho, o grupo da UFRGS já realizou mais de 70 entrevistas com

²⁹ RODEGHERO, Carla Simone e WEIMER, Rodrigo de Azevedo. Pode a História Oral ajudar a adiar o fim do mundo? Covid-19: Tempo, Testemunho e História. **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro) [online]. 2021, v. 34, n. 74 [Acessado 15 Janeiro 2023], p. 475

estudantes cotistas da universidade e seus familiares. Sobre esse conjunto, em termos gerais, Rodeghero e Weimer observam que

Apesar de terem seu cotidiano afetado de maneiras diversas pela pandemia [...] os/as entrevistados/as apresentaram experiências de adesão aos protocolos de distanciamento social, avaliações críticas em relação às políticas de enfrentamento à pandemia (especialmente em nível federal), bem como valorização da pesquisa científica e da oportunidade de deixar seu relato registrado.³⁰

Portanto, podemos concluir que os/as entrevistados/as, assim como os pesquisadores, entendem o valor de sua participação em um projeto científico de História Oral que pretende registrar seus relatos para a posteridade. Sobre essa necessidade de compartilhar narrativas e registrá-las, os autores afirmam que “estamos experimentando uma mescla do tempo do narrado e do tempo da narrativa, um encolhimento do espaço público em prol do privado, o compartilhamento de experiências entre entrevistadores/as e entrevistados/as”³¹. A reflexão destacada aponta a necessidade de pararmos para analisar o que estamos vivendo, “o que acabou sendo propiciado pela experiência da entrevista de história oral.”³².

1.2 Chaves de análise das entrevistas

Agora que as condições de produção das fontes já foram explicitadas, voltaremos ao problema de pesquisa. Para entendermos a especificidade da História Oral de mulheres, particularmente na pandemia do coronavírus, e a utilização do gênero como fio condutor de análise, é interessante mobilizarmos, assim como Natália Méndez em seu texto *Feminismo e política: confrontando a pandemia patriarcal*, o termo **pandemia patriarcal**. A autora toma esse conceito

emprestado de um artigo publicado por Rebecca Gordon, professora de filosofia da Universidade de São Francisco. Nele, Gordon discutia que, embora a pandemia da Covid -19 tenha resultado – no caso dos Estados Unidos - em mais mortes de homens do que de mulheres, trata-se de um momento que evidenciou processos de violência contra as mulheres tais como: a sobrecarga do trabalho como cuidadoras, a situação de precarização das mulheres que sobrevivem em empregos relacionados ao cuidado (empregadas domésticas, babás, cozinheiras, etc).³³

³⁰ RODEGHERO, Carla Simone e WEIMER, Rodrigo de Azevedo. Pode a História Oral ajudar a adiar o fim do mundo? Covid-19: Tempo, Testemunho e História. **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro) [online]. 2021, v. 34, n. 74 [Acessado 15 Janeiro 2023], p. 477

³¹ *Ibidem*, p. 476-477

³² *Ibidem*, p. 482

³³ MÉNDEZ, Natalia. Feminismo e Política: Confrontando a Pandemia Patriarcal, 2021. Disponível em: <<https://www.esquinademocratica.com/post/feminismo-e-pol%C3%ADtica-confrontando-a-pandemia-patriarcal>>. Acesso em: 15, dezembro 2022.

Dessa forma, o conceito de pandemia patriarcal dialoga justamente com o restante do referencial teórico, dando um nome ao processo que implica a evidenciação dos marcadores de gênero. Ademais, sobre a especificidade da História Oral de mulheres e, principalmente, dessa história no contexto da pandemia, me apoio no artigo de Silvia Salvatici, *Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres*³⁴. Como mencionado na introdução, nesse texto a autora destaca a contribuição da História Oral de mulheres para suscitar questões no âmbito das relações entre história e memória e, também, o objetivo de o acesso à memória ser democratizado, sendo essa uma condição elementar para as democracias contemporâneas. Ainda, na Apresentação ao dossiê *História oral, gênero e interseccionalidades* da revista *História Oral*, as autoras complementam o caráter democratizante dos trabalhos de História Oral preocupados com a perspectiva de gênero e de interseccionalidade ao afirmar que a História Oral, como projeto ou como prática metodológica,

tem sido um instrumento na ‘viagem entre mundos’ (entre a universidade e as comunidades diversas que existem dentro e fora dela) e possibilitado a escuta, a mediação, o registro e o ressoar de vozes plurais que denunciam como as relações de poder atravessam os cotidianos – não entendidos como repetição e reprodução passiva das estruturas – afetando corpos e experiências repletas de vida e de alteridades. Ela tem contribuído para produzir presença de sujeitas/os muitas vezes invisibilizadas/os social e academicamente, o que expressa uma preocupação epistemológica mais democrática e sensível em não outrizá-las/os ou objetificá-las/os.³⁵

Outrossim, as autoras já mencionadas Wilma de Lara Bueno e Andréa Casa Nova Maia auxiliam na reflexão sobre a condição das mulheres na história e a produção historiográfica sobre o tempo presente, além de entrelaçar temas básicos da minha pesquisa, como a relação entre o papel dos/as historiadores/as no registro da pandemia e a memória, como supracitado. Maia observa que, em 2021,

diversas iniciativas estão sendo produzidas com o objetivo de armazenar “fontes” para uma história da pandemia. Há algumas décadas nós vivenciamos uma transformação na forma como lidamos com a memória. [...] As novas tecnologias que tomaram conta do nosso mundo parecem nos afogar em um mar de memórias provocado pela sua capacidade de reprodução e armazenamento. [...] Um tipo de testemunho que encontra seu lugar de memória e arquivamento em diversos suportes e mídias,

³⁴ SALVATICI, S. Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres. **História Oral**, [S. l.], v.8, n. 1, 2009. DOI: 10.51880/ho.v8i1.114. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/114>. Acesso em: 15 jul. 2022.

³⁵ ROVAI, Marta. VALENTE, Polyana. VASCONCELOS, Vânia. História oral, gênero e interseccionalidade. **História Oral**. v. 25 n. 1. março, 2022. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/issue/view/52> p. 8

principalmente, no mundo digital. O presente coloca a memória como objeto central da cultura e da política das sociedades ocidentais.³⁶

A autora também afirma ser possível atribuir um caráter de *dever de memória* às iniciativas de história que propõem guardar as memórias da pandemia; ainda mais por armazenarem registros e evidências

de um Estado negligente, como o brasileiro, que é diretamente responsável pela ineficácia no combate à pandemia. É responsabilidade do historiador comprometido com a justiça social, arquivar, preservar, denunciar a partir do recolhimento de testemunhos, para que o passado, transforme-se, como quis Todorov, “em princípio de ação para o presente” (2000, p. 31).³⁷

É evidente, portanto, a relação entre o chamado *dever de memória* e a produção de documentos como as fontes orais resultantes do projeto *Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul*, até porque “a memória é imprescindível para a conservação e formação das identidades. O lembrar, o armazenar, o arquivar são fundamentais e agem como formas de resistência, ferramentas de batalha pela transformação social”³⁸. A autora conclui que “é tarefa do historiador realizar pesquisas e enfrentar o presente e o passado. A produção de espaços de arquivamentos de experiências e testemunhos é quase um dever de memória que fornecerá, no futuro, mais conhecimento sobre o que estamos vivendo hoje”³⁹.

Bueno, por sua vez, no artigo *História das mulheres em tempos de pandemia* reflete a respeito da condição das mulheres frente à pandemia de covid-19. De acordo com a autora, esse período trouxe inquietação e perplexidade, além de tensões entre “entre o passado, quando se registrou um leque de conquistas femininas, e o presente, em que as mulheres se viram obrigadas ao confinamento doméstico e por consequência à gestão de um conjunto ainda maior de tarefas”⁴⁰. Logo, entende-se que com o andamento da pandemia de coronavírus as mulheres tiveram que assumir novas obrigações, além de todas as tarefas pelas quais já eram responsáveis antes do isolamento. Isso porque, historicamente, a gestão de determinadas tarefas (como as domésticas) coube majoritariamente à parcela feminina da sociedade ocidental. A autora lembra que “a participação feminina no mundo do trabalho produtivo sofreu certa ameaça no sentido de que não houve medidas institucionais que

³⁶ MAIA, Andréa C. N. Arquivando a Pandemia: Projetos de historiador e “dever de memória”. *Estudos Ibero Americanos*, v. 47, n. 3, p. e41291, 4 nov. 2021, p. 2

³⁷ MAIA, Andréa C. N. Arquivando a Pandemia: Projetos de historiador e “dever de memória”. *Estudos Ibero Americanos*, v. 47, n. 3, p. e41291, 4 nov. 2021, p. 3

³⁸ MAIA, *loc. cit.*

³⁹ MAIA, *loc. cit.*

⁴⁰ BUENO, Wilma de Lara. História das mulheres em tempos de pandemia. *Filosofia e Educação*, [S. l.], v. 12, n. 3, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8661985>. Acesso em: 25 jun. 2022. p. 1548

garantissem o apoio às famílias e às mulheres trabalhadoras, particularmente as das camadas menos privilegiadas”⁴¹.

Finalmente, para mobilizar a categoria *gênero* como fio condutor de análise das minhas fontes, parto do texto publicado originalmente em 1986 por Joan Scott: *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*⁴², no qual a autora define *gênero* como um elemento que constitui as relações sociais com base em diferenças percebidas entre os sexos, sendo uma maneira de fornecer significado às relações de poder. No entanto, em artigo mais recente⁴³, a própria autora revê as conceituações do termo, chegando à conclusão de que *gênero* é fundamentalmente uma categoria política de disputas, cujos significados estão longe de serem resolvidos. O relevante para a análise das entrevistas no presente trabalho é o fato da categoria *gênero* ser utilizada como uma “maneira de se referir à organização social da relação entre os sexos”⁴⁴, mas lembrando também que

não há ‘uso ordinário, geralmente aceito’ para gênero; ao contrário é um lugar de debate intenso. [...] Parece não haver um único lugar no qual o gênero possa confortavelmente ou finalmente repousar. E é justamente por isso que estes debates são políticos. As disputas políticas que se seguem a partir da incerteza sobre gênero, levam a uma proliferação dos seus significados⁴⁵

Portanto, *gênero* é objeto de tensões sociais inclusive no que diz respeito à atribuição de seu significado, uma vez que desempenha um papel de “desestabilizador radical das pressuposições sobre a relação entre sexo biológico e papéis construídos culturalmente para mulheres e homens”⁴⁶. É com tais questões em mente que partimos para as fontes e suas análises, a serem desenvolvidas no próximo capítulo.

⁴¹ BUENO, Wilma de Lara. História das mulheres em tempos de pandemia. **Filosofia e Educação**, [S. l.], v. 12, n. 3, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8661985>. Acesso em: 25 jun. 2022. p. 1548

⁴² SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, no 2, jul./dez. 1995.

⁴³ W. SCOTT, J.; EIRAS COELHO SOARES, T. de A. C. OS USOS E ABUSOS DO GÊNERO. Projeto História : **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 45, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/15018>. Acesso em: 8 mar. 2023.

⁴⁴ SCOTT, Joan. *op. cit.*, p. 72

⁴⁵ W. SCOTT, J.; EIRAS COELHO SOARES, T. de A. C, *op. cit.*, p. 332

⁴⁶ *Ibidem*, p. 328

2. MARCADORES DE GÊNERO NAS ENTREVISTAS DE MULHERES

2.1 Processo de análise das fontes e apresentação das entrevistadas

Antes de adentrarmos nas questões de gênero presentes nas entrevistas de História Oral, é importante destacar que o processo de análise das fontes foi permeado por alguns desafios. Para começar a investigação, fiz uma seleção de potenciais entrevistas que poderiam trazer marcadores de gênero evidenciados, tarefa realizada no momento de escrita do projeto de pesquisa. Tal método foi necessário porque não seria possível assistir todas as entrevistas que compõem o projeto *Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul* no tempo disponível para a realização deste trabalho. Os critérios para a pré-seleção consistiram fundamentalmente nos seguintes fatores: a escolha de indivíduos que se identificam como **mulheres** e cuja análise preliminar da entrevista e de seu resumo possibilitasse a distinção de algum marcador de gênero, como a experiência da maternidade e dos cuidados com a família e casa durante a pandemia do coronavírus. Também destaco que minha orientadora da bolsa de iniciação científica, Carla Rodeghero, contribuiu com boas sugestões de entrevistas.

Com os requisitos mencionados acima, e a partir do acervo disponível no site do REPHO, selecionei entrevistas de quatro mulheres (Gabriela Rodriguez, Simone Ramos de Oliveira, Cristine Coitinho e Lilian Carvalho), sendo que uma das entrevistas é dividida em partes 1 e 2 em razão de uma interrupção por falha na conexão de internet; as outras, com exceção da de Lilian Carvalho, consistem em duas entrevistas cada (uma de 2020 e outra de 2021, devido ao interesse dos/as pesquisadores/as em realizar as segundas entrevistas a fim de verificar o que havia mudado na vida das pessoas desde a primeira conversa). Dessa forma, iniciei a análise investigativa das fontes verificando se as entrevistas selecionadas contavam com transcrições completas ou não. Primeiramente li e elaborei fichamentos das entrevistas que já haviam sido completamente transcritas, uma vez que ler demanda menos tempo do que assistir ou ouvir as gravações. A dificuldade começou quando precisei lidar com as entrevistas com transcrição parcial e/ou sem transcrição. Qualquer pessoa que já trabalhou com História Oral sabe que transcrever entrevistas costuma ser demorado - principalmente quando há falhas de conexão e/ou problemas de áudio -, de forma que esse processo levou mais tempo e demandou mais atenção do que o planejado. Por outro lado, o contato aprofundado com as entrevistas permitiu já destacar os trechos que traziam os principais assuntos a serem estudados na pesquisa e, também, possibilitou o reconhecimento de novas questões relevantes

que não haviam sido cogitadas inicialmente, uma vez que as narrativas ainda não haviam sido transcritas.

Depois de analisadas todas as entrevistas pré selecionadas, verifiquei novamente o acervo do REPHO a fim de conferir se havia negligenciado alguma fala relevante para a temática da pesquisa. Com isso, acrescentei as narrativas de Pilar Barcellos Sanchez (2020) e Angela Cristina Bastos Lummertz (2021, partes 1 e 2), já que ambas trazem contribuições importantes para o trabalho. Portanto, as fontes totalizam dez entrevistas de História Oral cujas entrevistadas identificam-se como mulheres cisgênero, pois não foram encontradas entrevistas do projeto *Documentando* com mulheres transgênero⁴⁷. Suas idades, no momento das entrevistas, vão de 22 a 52 anos, estando a maioria na faixa dos 30 anos. Importante lembrar que não fazia parte do roteiro das entrevistas nenhuma pergunta específica sobre as condições de gênero, de forma que as questões abordadas foram trazidas pelas próprias entrevistadas. Afinal, como destacado por Rodeghero e Weimer⁴⁸ “de acordo com Portelli (1997: 35), mesmo que o pesquisador decida que haverá uma entrevista e proponha o que perguntar, são os entrevistados que decidem o que eles querem dizer.” Portelli também expõe que

Ao contrário da maioria dos documentos históricos, as fontes orais não são *encontradas*, mas *cocriadas* pelo historiador. Elas não existiriam sob a forma em que existem sem a presença, o estímulo e o papel ativo do historiador na entrevista feita em campo. Fontes orais são geradas em uma troca dialógica, a *entrevista*: literalmente, uma troca de olhares. Nessa troca, perguntas e respostas não vão necessariamente em uma única direção. A agenda do historiador deve corresponder à agenda do narrador; mas o que o historiador quer saber pode não necessariamente coincidir com o que o narrador quer contar. Como consequência, toda a agenda da pesquisa pode ser radicalmente revista.⁴⁹

Dessa forma, pode-se concluir que o problema de pesquisa do presente trabalho surge justamente em razão da imprevisibilidade dos temas trazidos nas entrevistas, já que as próprias narradoras acabaram trazendo experiências relacionadas a papéis e marcadores de gênero. Além do mais, podemos questionar se as entrevistadas sentiram-se mais à vontade

⁴⁷ Destaco dois questionamentos: onde estão as mulheres transgênero da universidade? E as experiências de maternagem de homens transmasculinos? Tais vivências acabam duplamente invisibilizadas, sendo necessário o desenvolvimento de pesquisas a fim de responder às questões supracitadas.

⁴⁸ RODEGHERO, Carla Simone e WEIMER, Rodrigo de Azevedo. Pode a História Oral ajudar a adiar o fim do mundo? Covid-19: Tempo, Testemunho e História. **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro) [online]. 2021, v. 34, n. 74 [Acessado 15 Janeiro 2023], pp. 472-491. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S2178-149420210303>>. Epub 08 Out 2021. ISSN 2178-1494. <https://doi.org/10.1590/S2178-149420210303>. p. 480

⁴⁹ PORTELLI, Alessandro. **A História Oral como arte da escuta** / [tradução Ricardo Santhiago]. - São Paulo: Letra e Voz, 2016. - (Coleção Ideias) p. 10.

para abordar tais questões pelo fato de sempre haver pelo menos uma entrevistadora mulher conduzindo a entrevista. Podemos supor uma identificação entre mulheres no que diz respeito a essas temáticas? Será que os temas apareceriam da mesma maneira se fossem apenas entrevistadores homens conduzindo as entrevistas? Precisaríamos de mais tempo para a realização de testes a fim de sanar essas dúvidas, mas um fator relevante é que os debates políticos das últimas décadas vêm trazendo constantemente demandas relacionadas a gênero, de forma que a discussão é atual e permeia a vida das mulheres. Por fim, é relevante atentarmos também aos silêncios - o que não foi dito nas entrevistas?

No capítulo anterior, já foi compreendido como Joan Scott define a categoria gênero, salientando que trata-se de uma relação primordial de poder que diz respeito aos significados atribuídos à diferença sexual. Neste capítulo, retomo essa definição a fim de esclarecer o problema de pesquisa do presente trabalho, uma vez que as conceituações de *mulher* e de *gênero* nos auxiliam na compreensão das maneiras através das quais os marcadores de gênero tornaram-se mais evidentes na vida das mulheres, a partir das falas das entrevistadas, durante a pandemia de covid-19. Scott complementa que

o termo "gênero" torna-se uma forma de indicar "construções culturais" - a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. "Gênero" é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado.⁵⁰

Além disso, como historiadora feminista, utilizo *gênero* como uma categoria analítica, buscando contribuir com a história do pensamento feminista, a qual consiste na “recusa da construção hierárquica da relação entre masculino e feminino, em seus contextos específicos, e uma tentativa para reverter ou deslocar suas operações”⁵¹.

Agora, no que se refere à categoria *mulher*, precisamos entender que o sentido da palavra “não é encontrado através da elucidação de uma característica específica, mas através da elaboração de uma complexa rede de características”⁵². Ou seja, devemos pensar “mulheres” sempre em contextos determinados, pois, como afirma Linda Nicholson, “não podemos pressupor que o sentido dominante em sociedades ocidentais industrializadas deva ser verdadeiro em qualquer lugar ou através de períodos históricos de limites indefinidos”⁵³.

⁵⁰ SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, no 2, jul./dez. 1995, p. 75

⁵¹ *Ibidem*, p. 84

⁵² NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas** [online]. 2000, v. 8 n. 2. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11917>. Acesso em: 17 mar. 2023. p. 35

⁵³ *Ibidem*, p. 36

Portanto, a definição de *mulher* depende e surge a partir dos lugares que ocupamos na cultura, no espaço e na história. De acordo com a autora, nossas propostas sobre “mulheres” “são atos políticos que refletem os contextos dos quais nós emergimos e os futuros que gostaríamos de ver”⁵⁴. Do mesmo modo, Joan Scott afirma que “gênero nos lembra que não há representação inequívoca das mulheres, que isto sempre é uma questão de política.”⁵⁵. Sendo assim, ressalto que as especificidades da História Oral permitem a mobilização dos conceitos supracitados a fim de “recuperar as mulheres como sujeitos sociais”⁵⁶, o que possibilita repensarmos também o presente e contar/escrever uma história focada nas experiências relativas às mulheres.

Por fim, como não podemos falar em *gênero* sem pensar também nos atravessamentos de raça e classe, retomo o conceito de *interseccionalidade*, o qual consiste em uma ferramenta teórico-metodológica que auxilia na compreensão de opressões sobrepostas. A interseccionalidade é explicada no livro Carla Akotirene como

uma sensibilidade analítica, pensada por feministas negras cujas experiências e reivindicações intelectuais eram inobservadas tanto pelo feminismo branco quanto pelo movimento antirracista, a rigor, focado nos homens negros. [...] A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado.⁵⁷

Assim sendo, o termo originalmente cunhado por Kimberlé Crenshaw é utilizado no presente trabalho para não hierarquizarmos opressões, e sim pensá-las como um conjunto que influencia o todo. A advogada e professora explica que

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento.⁵⁸

⁵⁴ NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas** [online]. 2000, v. 8 n. 2. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11917>. Acesso em: 17 mar. 2023. p. 38

⁵⁵ W. SCOTT, J.; EIRAS COELHO SOARES, T. de A. C. OS USOS E ABUSOS DO GÊNERO. **Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 45, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/15018>. Acesso em: 8 mar. 2023. p. 337

⁵⁶ BUENO, Wilma de Lara. História das mulheres em tempos de pandemia. **Filosofia e Educação**, [S. l.], v. 12, n. 3, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8661985>. Acesso em: 25 jun. 2022. p. 1550

⁵⁷ AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020. p. 14

⁵⁸ CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**. Ano 10 vol. 1, 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>> Acesso em: 20 mar. 2023. p. 177

2.2 Redes de apoio entre mulheres, maternidade, trabalho e estudos

Wilma de Lara Bueno, pensando nas especificidades da História das Mulheres em tempos de pandemia, afirma que há relatos de que entre as mulheres, nesse contexto pandêmico,

se desenvolveu uma rede de solidariedade, revelando que, no cotidiano, elas dividem inquietações e estabelecem acordos, alguns dos quais são constituintes da identidade feminina, o que, sem dúvida, provoca constante estresse e sobrecarga de atribuições. A mãe trabalhadora, que não pôde abrir mão de seu emprego, em alguns casos negociou com as vizinhas o cuidado dos filhos, o que serviu de exemplo para outras, tornando a vizinhança solidária, estreitando as relações humanas, apesar de não se justificar o atendimento das crianças em espaços informais. Daí a necessidade de as autoridades investirem na criação de creches e de escolas compatíveis com as exigências atuais, ou seja, pensar a condição feminina e o mercado de trabalho.⁵⁹

A constatação acima sobre a criação de redes de solidariedade e apoio entre mulheres pode ser exemplificada pelas falas de Pilar Barcellos Sanchez (professora de yoga, estudante de Pedagogia na UFRGS, 37 anos, branca), integrante do grupo Baque Mulher, em setembro de 2020:

A gente se apoia mais nas palavras; só de saber que elas estão ali para o que a gente precisar... com a graça do universo nenhuma tá passando por um momento tão desesperador. A gente tem um grupo de acolhimento também de mulheres vítimas de violência, que aumentou muito nessa questão da pandemia, e a gente tá acompanhando uns dois casos, umas duas pessoas. Uma lá de Eldorado, sobrinha de uma amiga, a assistência social já separou o casal, a mulher tá com uma medida protetiva, as filhas também estão com a guarda provisória da tia. Mas a mulher é muito apegada ao marido, é uma situação, tá tendo acompanhamento psicológico [...] e não sei nem se poderia chamar de marido uma pessoa assim. E tem a outra moça que sofre violência psicológica, mas ela também não conseguiu se desvencilhar muito ainda da pessoa. Então a gente está nesse processo de fortalecer essa mulher. Eu passei por uma situação antes de a pandemia começar também de separação, de violência também, e foram elas que me ampararam, e aí aos poucos eu vim me fortalecendo para poder amparar outras mulheres também. [...] A gente se reúne quinzenalmente para ter essas trocas [...], e aí a gente se reúne online, são sempre as mesmas pessoas, mas a gente sabe que são elas que a gente pode confiar. Tipo, o grupo de WhatsApp tem 40 mulheres, mas são sempre as mesmas quatro, cinco, que se reúnem no meet. E eu não sei o que seria de mim sem esse grupo hoje, nessa pandemia, porque a gente inventa mil modas: a gente já ensaiou online, a gente já fez [...] roda de conversa no face semana passada, vira e mexe a gente está fazendo campanha também de

⁵⁹ BUENO, Wilma de Lara. História das mulheres em tempos de pandemia. *Filosofia e Educação*, [S. l.], v. 12, n. 3, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8661985>. Acesso em: 25 jun. 2022. p. 1558

fortalecimento das mulheres (campanha virtual né, a gente não tem muito o que fazer nesse momento) e aí se alguma mulher pede um auxílio, a gente, na medida do possível, tenta amparar essa pessoa.

A entrevistada, que é mãe de dois filhos e mora com mais três familiares adultos, não deixa de mencionar também o apoio de uma integrante da família:

quem sai para fazer as compras é a minha tia, enfim, a gente já tem o hábito, como família, de dividir as demandas [...], a coisa aconteceu bem naturalmente. Antes da pandemia já era a minha tia que saía para comprar as coisas, questão de casa e coisa e tal. [...] Raramente eu saio, até porque têm questões das crianças; eu tive uma vez que atender uma demanda do meu trabalho, presencial, e nossa [as crianças:] ‘não mãe, não vai, trabalha em casa...’; eu digo: eu quero ver quando acabar, quando tudo isso minimamente passar, e a gente retomar a vida fora de casa, o quê que vai ser?

Logo, é salientada a importância das redes colaborativas de mulheres para suporte, inclusive em casos de amparo a vítimas de violência doméstica e para compartilhamento de experiências. Sobre sua participação no projeto *Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul*, Pilar, que é graduanda em Pedagogia, bolsista PRAE e moradora do bairro Lindóia (zona norte de Porto Alegre/RS), conta que tem como hábito responder a todos os questionários que a UFRGS envia, justificando: “porque eu sei que de certa maneira são úteis, e o que seria desses questionários e dessas entrevistas se não fossem os voluntários? Então por isso que eu me dispus a responder”. Ademais, também menciona que o grupo do qual participa, Baque Mulher, realizou uma roda de conversas, através do Facebook, com uma psicóloga, uma agente de saúde, uma socióloga e uma médica sanitária a fim de conversar sobre a pandemia. Tais fatores demonstram sua iniciativa em envolver-se nas pesquisas e discussões do período histórico no qual está inserida, o que possibilita trabalhos como o presente.

Outrossim, a entrevistada fala sobre as dificuldades e as adaptações necessárias para a manutenção das atividades de trabalho e de estudo desde o início do isolamento, provocado pela propagação do coronavírus, e os desafios em relação ao cuidado dos filhos, tanto com a saúde quanto com a educação. A maternidade, como menciona no início da entrevista, a havia feito abandonar seu curso anterior, Teatro. Em 2019 iniciou o curso de Pedagogia, o qual foi perpassado pela vivência pandêmica a partir de 2020:

eu tentei me matricular em 4 ou 5 disciplinas: eu enlouqueço; eu semestre passado, eu larguei o semestre porque eu não consegui dar conta, dar conta das crianças, dar conta dos estudos, dar conta de tudo; então esse semestre eu disse pra mim mesma: eu vou me matricular em uma só, porque é o que eu consigo; eu não vou dar um passo maior que as pernas. [...] Mas presencial é uma coisa, porque tu estás lá, na UFRGS, tu saís da aula e tu vais para a biblioteca ou tu vais para a sala do laboratório de informática para fazer o

que tu tens que fazer. Em casa, não. Em casa tu acabas a aula e tu pensas “tá, e agora, o que eu tenho que fazer? Vou fazer o almoço? Vou atender as crianças?”, é diferente. Tem uns professores que estão “loquiando” aí [risos] exigindo uma carga como se fosse presencial. O meu não está fazendo isso, então por enquanto eu estou bem.

Na fala acima fica evidente a demarcação entre os espaços público e privado, ponto marcante na maioria das entrevistas do projeto *Documentando*, uma vez que um dos objetivos das entrevistas era compreender de que formas a pandemia e o distanciamento social afetaram a rotina dos e das estudantes da UFRGS e seus familiares. Nas falas de mães, principalmente, fica clara a diferença entre estudar e trabalhar presencialmente *versus* em casa, onde as atividades domésticas são sobrepostas às demandas da faculdade e do trabalho, além do tempo e atenção destinada aos filhos/família. Finalmente, Pilar comenta que participa de um grupo de WhatsApp de mães da UFRGS, no qual as mulheres compartilharam angústias e desafios da experiência maternal na pandemia e, entre outros fatores, fala da ausência do pai dos filhos:

E as gurias estão surtadas, né, porque é o home office, é os filhos, é o pai que não ajuda... Eu tenho tudo isso também, mas eu me sinto um pouco privilegiada pelo fato de eu fazer o que eu gosto, e a minha carga horária não é tão extensa, porque eu dou aula duas vezes na semana; e tem a pensão do pai. O pai, obviamente, é o pai: ele tá lá no canto dele. As visitas acontecem de 15 em 15 dias, eles têm a convivência com o pai, mas é tudo com a mãe né [risos], é tudo com a mãe.

No mesmo sentido, a entrevistada Simone Ramos de Oliveira (educadora social, estudante de Saúde Coletiva na UFRGS, 36 anos, parda) traz a importância da sua amizade com mulheres, que apoiam-se mutuamente e, como Pilar, mantiveram contato durante o isolamento, principalmente através de grupos de WhatsApp:

as minhas relações com as minhas amigas, que em sua maioria foram minhas colegas, é muito boa. É muito boa, a gente se entende muito bem. A gente manteve até agora um distanciamento social bem distanciamento mesmo. Mas assim, a gente fez tudo: festinha, festa de aniversário, a gente cantou parabéns, a gente fez grupo no WhatsApp. [...] As gurias fazem grupos no WhatsApp porque é o jeito que eu consigo também, por causa da internet, ou quando eu estava trabalhando a gente se falava por *Whats*. Então a gente conseguiu manter esses vínculos, que eu acho que é muito importante, acho que para nós todas, para mim e para as minhas colegas, a gente se fortalece muito nessa coisa de ser tudo mulher, um “bando de mulher” que está cansada, exaurida de homem porque são tudo umas porcarrias [risos]. Então eu acho que a gente se encontra e se conecta da mesma forma sem se encontrar pessoalmente.

Além disso, Simone conta que a filha, Sara, auxiliava no cuidado das filhas de outra parente, “ela ia lá pra tia Maria para ir no mercado para a tia Maria [...] e a Sara dava conta das gurias, levar um pouco para a rua, fazer andar de bicicleta, sair com os cachorros...”. A

esfera dos cuidados, na família de Simone, se estendeu também para com familiares contaminados com o coronavírus:

Na minha família eu tive 5 pessoas, 2 tiveram problemas que eu fui até para cuidar de uma prima. Ela trabalha em hospital e ela teve a covid. O marido dela teve, ela teve, e ela teve derrame pleural depois, ela ficou bem ruim, assim. Eu fui para lá, cuidei, não tive nenhum sintoma, a gente toma os cuidados, né, mas... Acredito eu que se eu já tive, eu não soube. Mas acredito muito que eu devo ter tido também. Por algumas questões, assim, que acontecem, mas que a gente tem que passar batido né, infelizmente. Tipo, “ah, to com uma dor de garganta, uma dor de cabeça”, fica dois dias e no terceiro passa, daí tu não sabe se é da medicação, se é do cuidado porque aí a dor no corpo continua mas daí depois passa. Eu acho que muito, nessa leva assim de seguir o barco, acho que daqui a pouco a gente já teve e não sentiu.

Outra entrevistada, Angela Cristina Bastos Lummertz (dona e administradora de um salão de beleza, estudante de Ciências Sociais na UFRGS, 52 anos, branca) contou que, antes mesmo da pandemia, sua mãe “quando foi morar em Viamão fundou o Clube de Mães, e aí ela se envolvia, criando creche para as mães irem trabalhar”. Logo, apesar de já existirem previamente ao coronavírus, as redes de apoio/suporte/cuidado/afeto entre mulheres mostraram-se fundamentais para as entrevistadas no contexto pandêmico, servindo como espaços de fortalecimento e de trocas de problemas comuns, além de auxílio para com os filhos. Podemos ponderar também que a pandemia, talvez, tenha tornado a divisão desigual do trabalho doméstico entre homens e mulheres, mães e pais, ainda mais visível. Wilma de Lara Bueno, ao refletir sobre a História das Mulheres no contexto da pandemia de covid-19, analisa exatamente o modelo acima, no qual a organização tradicional da sociedade ocidental define que a ideia de que o

papel natural da mulher é cuidar da casa e dos filhos e o dos homens é o sustento financeiro familiar, ainda hoje está presente no mundo do trabalho dentro e fora da casa. Trata-se da concepção ocidental de que as mulheres estariam para o espaço privado assim como os homens para o espaço público. Ainda que as conquistas femininas em diversos setores sejam consideradas, como a ocupação de cargos outrora ocupados somente pelos homens, pesquisas revelam que o modelo tradicional ainda perdura, com as mulheres acumulando as tarefas domésticas e a maternidade, o que reforça a discussão sobre a naturalização dos encargos femininos no prolongado tempo de isolamento.⁶⁰

No mesmo sentido, Cecília Machado, economista-chefe do Banco BOCOM BBM e professora da EPGE (Escola Brasileira de Economia e Finanças) da FGV, analisa a realidade das lutas e conquistas das mulheres no contexto da pandemia:

⁶⁰ BUENO, Wilma de Lara. História das mulheres em tempos de pandemia. **Filosofia e Educação**, [S. l.], v. 12, n. 3, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8661985>. Acesso em: 25 jun. 2022. p. 1553

Os impactos econômicos das medidas de isolamento social afetaram desproporcionalmente os trabalhadores mais vulneráveis. Não apenas aqueles com menores salários e para os quais o trabalho remoto não é uma opção, mas também para aqueles cujo arranjo familiar – a presença das crianças – dificulta o exercício de suas funções quando as escolas estão fechadas. (...) É notório que o fechamento das escolas compromete o aprendizado das crianças e prejudica a retomada das atividades econômicas para trabalhadores com filhos. É um enorme retrocesso voltar a impor às mulheres a escolha binária entre carreiras e famílias.⁶¹

Tendo em mente essas reflexões, Bueno afirma que “retornar aos lares, ocupar-se exclusivamente da casa e dos filhos e desconsiderar as frentes de trabalho experimentadas pelas mulheres, seria um retrocesso histórico”⁶². Tal possibilidade de ocupar-se exclusivamente da casa e dos filhos sequer esteve colocada para as entrevistadas, afinal, todas as estudantes mães ocuparam-se também de atividades laborais remuneradas. Ou seja, o que ocorreu foi realmente uma sobrecarga de trabalho a partir do momento em que o espaço público (estudo, trabalho) se sobrepôs ao espaço doméstico. Além do mais,

As antigas tarefas relegadas à esfera doméstica evidenciaram que tudo o que se relaciona com cuidados vem sendo entendido como trabalho das mulheres, ou seja, as crianças, os idosos, as idosas e as pessoas com deficiências estariam, particularmente, vinculadas aos cuidados femininos, o que contribui para aumentar a sobrecarga de trabalhos desse público. Isto é, instituiu-se no imaginário coletivo de que os trabalhos relativos aos cuidados doméstico e familiar não podem ser considerados como aqueles próprios do espaço público e que essas funções seriam, na verdade, apenas obrigações e atribuições natas ou estabelecidas culturalmente, a depender da interpretação, das mulheres por serem mães e filhas.⁶³

Similar aos casos supracitados, de suporte entre mulheres e das mudanças entre as esferas do público e do privado, temos o relato de Cristine Nunes Pujol Coitinho (prestadora de serviços no Centro de Empreendimentos em Alimentação e Nutrição (CEANUT) – Empresa Júnior de Nutrição da UFRGS, estudante de Nutrição na UFRGS, 34 anos, negra), que reside em Viamão/RS sozinha com os dois filhos, recebendo pensão do ex marido (que ela diz ser um ótimo pai e amigo). Ao ser questionada sobre as mudanças na rotina ocasionadas pela pandemia e pelo isolamento, a entrevistada relatou que

antes [da pandemia] a minha mãe ficava cuidando dos meu filhos, eu ia para a faculdade e estudava, aí quando tinha prova eu podia ficar lá mais tempo, podia usar a biblioteca, tinha essa autonomia de estudo de chegar, focar,

⁶¹ MACHADO, Cecília. Crise de gênero ou do mercado de trabalho. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 4 ago. 2020, Mercado Coronavírus, p. 18.

⁶² BUENO, Wilma de Lara. História das mulheres em tempos de pandemia. **Filosofia e Educação**, [S. l.], v. 12, n. 3, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8661985>. Acesso em: 25 jun. 2022. p. 1553-1554

⁶³ *Ibidem*, p. 1562

estudar 1h por dia, ou mais. Eu podia fazer isso. Em casa eu já não tenho isso, porque eu tenho que cuidar de duas crianças pequenas, um menino e uma menina, 5 e [a] outra com 3 anos, então às vezes eu estou tentando focar e não consigo, tenho que parar no meio do caminho. É bem mais difícil, claro, um esforço bem maior. É possível, claro que sim, é possível, está acontecendo, mas afetou bastante a qualidade do meu sono, do dia a dia no geral, porque eu tenho que fazer uma jornada super longa, né? Que é cuidar da casa, cuidar das crianças, brincar [risos], brincar é importante. E também estudar, então mudou muito sim, bastante.

No trecho acima, fica evidenciada a falta da rede de apoio familiar da qual ela dispunha e que passou a não dispor, provavelmente devido ao isolamento social provocado pela pandemia. Durante a entrevista de Cristine, são reveladas as dificuldades em se manter estudando quando precisa dar conta dos filhos e do trabalho, sem auxílio. Na própria realização da entrevista de setembro de 2020, por volta dos 18 minutos, uma das crianças passa correndo e Cristine precisa interromper o raciocínio para falar com ela. Outra entrevistada, Lilian Carvalho (professora das séries iniciais, estudante de Arquitetura e Urbanismo na UFRGS, 33 anos, negra), também é mãe e, logo no início da entrevista, já informa: “eu só vou fechar a porta, senão alguma criança vai aparecer no meio da entrevista”. E, mesmo com os entrevistadores ressaltando que não teria problema caso uma criança de fato aparecesse, Lilian prefere manter a porta trancada “porque as crianças estão se movimentando na casa”. Essas pequenas intervenções podem ser elucidativas dos tantos momentos nos quais, durante as aulas *online* ou trabalho *home office*, as mães precisaram parar o que estavam fazendo para atender os filhos.

Na entrevista de outubro de 2021, pouco mais de um ano após a primeira, a rotina de Cristine continuou intensa, e ainda houve a volta às aulas presenciais do filho mais velho (nas quais ele ainda não estava indo) e o diagnóstico de autismo da filha mais nova:

esse ano eu tenho o Victor que começou a estudar. Então além das minhas aulas eu tenho que administrar as dele também. Administrar e ministrar! Enfim, não tenho prática nenhuma nisso, mas tô indo! [risos] [...] E eu ainda descobri, a minha filha Talita tem 4 anos, e eu ainda descobri esse ano que ela tem autismo. [...] Então é mais uma coisa na minha agenda: eu tenho que sair, eu faço consultas com ela três vezes na semana, com a fono e terapia ocupacional. [...] E com a faculdade eu diminuí o número de cadeiras, porque precisava pegar umas mais difíceis, eu ia precisar estudar mais tempo e a função de tantas coisas pra fazer, tem mais a bolsa que eu faço no IME. E aí é complicado, né. Mas assim, eu acho que até que está um pouco mais fácil, apesar de ter mais coisas pra fazer, a gente acabou se adaptando, né. Essa questão de reuniões virtuais, aula virtual, enfim... é um novo mundo que se abriu e a gente tá se adaptando. Acho que está indo... [risos] a qualidade eu não sei dizer se está boa, mas está indo [risos].

Assim, Cristine priorizou o cuidado dos filhos, pegando menos disciplinas na faculdade e adaptando a rotina para dar conta das aulas, que às vezes coincidiam com os horários de terapia da filha:

Fica gravada a aula e eu olho depois. Só que às vezes eu não consigo. A demanda é grande, e eu não consigo ficar em dia com as aulas, eu demoro para ficar em dia. Às vezes eu faço [...] como a gente faz com séries, né, de maratonar. Eu não maratono séries, eu maratono aulas [risos]. Então no final de semana às vezes eu passo sábado e domingo assistindo aula o dia inteiro, fazendo o que eu posso para tentar absorver, porque não é aquela coisa... E eu faço isso. Ou à noite, às vezes dá uma acalmada aqui, e eu faço uma aula rápido, faço estudo dirigido, alguma coisa, alguma tarefa.

Nesse relato fica evidenciado o quanto os estudos da entrevistada acabaram sendo prejudicados pela longa jornada de cuidados com os filhos. E, apesar de as aulas presenciais do filho mais velho terem retornado, Cristine não conseguiu encontrar uma maneira de levá-lo à escola:

Na verdade ele ainda está em casa, comigo. Começou o presencial dele... aí, eu não sei dizer se é há uns dois meses atrás que começou, e agora tá todos os dias. Só que, em função das terapias [da filha], eu acabei ficando com ele aqui porque a mãe acha mais fácil ela ficar com ele, porque a mãe tá com problema de coluna, daí ela que teria que levar, eu não ia ter tempo para levar e buscar, sabe? E é menos, né, o horário é reduzido [...]. Então mal larga a criança e já tem que buscar de novo, enfim. Aí acabou que esse ano ele vai ficar comigo aqui, como eu também estou estudando. E aí em março do ano que vem, daí sim, ele volta totalmente, né, para o presencial, tipo 100%.

Lilian Carvalho, já apresentada anteriormente, é professora de Língua Portuguesa nas séries iniciais da prefeitura de Viamão/RS, está na segunda graduação, reside no bairro Vila Nova Santa Rosa de Lima, na zona norte de Porto Alegre/RS, com um filho, uma filha e seu companheiro, que ficou desempregado na pandemia. Dentre os temas relatados por Lilian, a educação é central: a preparação e mediação das aulas aos seus alunos, as demandas enquanto professora, a educação dos seus filhos e seus próprios estudos na universidade. Sendo mãe, professora e aluna, Lilian conta que a adaptação provocada pelo isolamento social não foi fácil:

No começo foi bem difícil [...] porque as informações chegavam em cima da hora, então até a gente se adaptar foi bem difícil. As crianças até a gente conseguir contato também foi bem difícil, mas depois a gente já montou um grupo no WhatsApp e a gente tem as aulas pelo WhatsApp. Têm crianças que os pais ficaram desempregados, tiveram de vender o telefone, não estão mais morando em Viamão, foram para outras cidades (para os pais) procurar emprego. Então eu tinha um número X de alunos que os pais foram para outra cidade, tinha 26 alunos e uns 5 mais ou menos já pediram para transferência. Foram para outros lugares, Capão da Canoa, Florianópolis, foram para outras cidades procurar emprego. Claro, não foi a maioria, mas sabemos que eles pediram transferência em função da pandemia sim. A

gente faz vídeos, manda para eles, mas sabemos que tem alunos que não conseguem abrir os vídeos: o celular não comporta... Aí tem que fazer por uma outra forma, tem que ser por áudio, a gente liga para os alunos. [...] Percebo que o contato do professor com a família é maior, quando eu vejo que o aluno não está acompanhado eu ligo para a família para ver o que está acontecendo. [...] Outra coisa que me chamaram atenção aqui dentro de casa é que eu estava atendendo criança era nove horas da noite, porque o pai chegava em casa era nove horas da noite e dava o celular para a criança [...] Era oito, nove horas, eu estava atendendo criança. Eu trabalho no turno da tarde, mas já estava trabalhando à noite também, e aí tinha os trabalhos da faculdade também. Foi bem punk, estou tentando colocar um limite. Porque isso também estava me deixando mais ansiosa, quero ajudar [...] mas tá difícil, entendeu? Isso aí estava me deixando ansiosa, porque eu ficava: "vou atender tais crianças no turno da tarde, e à noite tenho que atender tais crianças". Só que eu não estou recebendo por isso, estou fazendo questão de entender, me coloco no lugar do outro [...] Era mais outra coisa que estava me deixando ansiosa, [...] fui procurar ajuda psicológica mesmo, aí ele [médico] disse: "todo mundo tá passando por isso, fica tranquila. Se tu te sentir ansiosa, toma tal remédio." Estou diminuindo um pouco o ritmo, porque nesse tempo, como eu tinha falado, estou focando mais no mestrado, e aí eu comecei a ler mais, editais, [...] voltou o processo de seleção [...] Nesse meio tempo, estava tentando me deixar atarefada, mais coisas [...] minha mãe diz: "Lilian diminui o ritmo". Porque a gente quer aproveitar as oportunidades, mas nem sempre dá, o corpo não aguenta. Porque graças a Deus, o meu filho está bem, a escola que eu estou atendendo tá bem. A bebê que a gente tá sentindo que a escolinha está fazendo falta, o contato com outras crianças, o brincar. Porque a gente não tem outra criança para brincar com ela, o Lucas já tem 10 anos e tem os trabalhos da escola para fazer, quando termina ele vai assistir os vídeos, os jogos e eu digo: "vai brincar um pouquinho com a mana". Então eu sinto que da pandemia, quem talvez esteja perdendo mais, seja a Aninha, a questão do brincar, aquela questão lúdica.

No trecho acima, temos exemplificado o aumento da carga de trabalho da professora que, desejando auxiliar os alunos da forma que consegue, acaba se prejudicando em outras esferas. Lilian, como outras entrevistadas, fala sobre os impactos da pandemia na saúde mental. Sobre isso, Wilma de Lara Bueno observa que

O aumento da carga de trabalho procedente dos cuidados com os filhos e com a casa, além das atividades profissionais, geraram problemas emocionais, o que sinalizou para as instituições públicas a necessidade de se preocuparem com o bem-estar da mulher. Tal preocupação deve ser, em particular, com a saúde mental, um fator sintomático do período de pandemia da covid-19, que conduziu muitas mulheres a repensar ou interromper suas carreiras, diminuindo o ritmo e a produtividade.⁶⁴

Outro fator muito presente nas entrevistas tem a ver com o trabalho não remunerado, que historicamente fez parte da vida das mulheres, uma vez que, segundo a autora,

⁶⁴ BUENO, Wilma de Lara. História das mulheres em tempos de pandemia. *Filosofia e Educação*, [S. l.], v. 12, n. 3, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8661985>. Acesso em: 25 jun. 2022. p. 1556

as tarefas do lar não foram convencionalmente remuneradas, o que colaborou para o descrédito também de sua profissionalização no mercado de trabalho. De acordo com o IPEA, em 1970, as mulheres tiveram “uma participação no mercado de trabalho de 20%, enquanto a (...) dos homens chegava a 70%” (Passos; Guedes, 2018 p. 75). Neste tempo de pandemia, [...] a ausência das escolas e o fechamento das creches trouxeram um grande transtorno para as mães que trabalham fora, principalmente nas famílias que se caracterizam como monoparentais: Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (Unesco), cerca de 1,5 bilhão de crianças e adolescentes em todo o mundo está fora da escola devido ao fechamento das instituições de ensino como iniciativa para contenção de casos da covid-19. No Brasil também houve a interrupção das atividades nas creches, escolas, e universidades públicas e privadas. Com isso, a dinâmica das famílias com crianças e adolescentes tem exigido um esforço maior dos pais, responsáveis e/ou cuidadores que necessitam conciliar o trabalho remoto, o trabalho doméstico e os cuidados com os filhos (Marques et al. 2020, p. 3).⁶⁵

Em diálogo com as informações mencionadas, no artigo *Desamparo em Relatos: Mulheres que são mães na pandemia de covid-19* as autoras analisam, com base nos preceitos da Psicologia, relatos de mulheres que são mães sobre a experiência vivida no contexto pandêmico. Posto isso, elas concordam que a pandemia de

covid-19 predominantemente amplificou algumas questões de gênero já conhecidas. Começaríamos por destacar a culpabilização feminina, a queixa das mulheres acerca de sobrecarga e excesso de demandas, o pouco apoio e participação dos parceiros, quando presentes, no cotidiano doméstico e a desigualdade na divisão das tarefas, entre outros pontos que não são resultantes exclusivamente da situação pandêmica [...]. A fim de exemplificar tal percepção, escolhemos um trecho de um relato: “O mais cruel é que se antes tínhamos algum tempo, nunca foi por sermos iguais aos homens, foi porque contávamos com a escola - outra coisa situada no substantivo feminino” (trecho do relato 314).⁶⁶

No que se refere à adaptação ao Ensino Remoto Emergencial (ERE) da UFRGS, Lilian Carvalho menciona a importância da criação de um coletivo de mães discentes da UFRGS, que elaboraram uma carta com demandas em relação à pandemia e aos estudos. Além disso, a entrevistada traz algumas (das muitas) dificuldades de ser mãe, estudante e trabalhadora no contexto da pandemia e do isolamento social. A falta de acolhimento e compreensão por parte da Universidade e dos professores é destacada:

⁶⁵ BUENO, Wilma de Lara. História das mulheres em tempos de pandemia. **Filosofia e Educação**, [S.l.], v. 12, n. 3, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8661985>. Acesso em: 25 jun. 2022. p. 1554-1555

⁶⁶ FERRARI, Andrea; KESSLER, Júlia; SARTORETTO, Carolina; SILVA, Milena da. Desamparo em Relatos: mulheres que são mães na pandemia de covid-19. **Revista Affectio Societatis**, Colombia, Vol. 19, N.º 37, julio-diciembre de 2022 Art. 9. p. 4. (p. 7-8) Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/368977268_desamparo_en_relatos_mujeres_que_son_madres_en_la_pandemia_de_COVID-19

Até quando surgiu essa questão do ERE, eu ainda faço parte do grupo de mãe da UFRGS [...] nós tivemos várias reuniões online para fazer [...] demandas que a gente precisava, nessa questão do ERE [...] que a gente viu que ia ser bastante prejudicada. A gente encaminhou para as COMGRADs, para vários lugares, mas infelizmente a gente não [...] se sentiu acolhida. Lá no grupo às vezes têm mães que fazem relatos, que o filho caiu, por exemplo. [...] Minha filha foi mordida pelo cachorro durante uma aula, no turno da manhã, que ela estava brincando, eu estava assistindo aula e aí [...] os cachorros morderam ela, aconteceu um acidente, porque não tinha como ficar com ela naquele momento. E aí eu fiquei assim, "se eu conseguir assistir a aula eu assisto, se eu não conseguir, assisto gravação". A gente percebe que tem professores que fazem uma chamada online, que dizem que tem uma pontuação extra se participar, a gente sente uma pressão em relação a isso, de estar participando. Só que tem que entender que, quem é mãe já tinha dificuldades antes da pandemia, e com a pandemia, o Lucas tinha trabalhos pra entregar, provas pra auxiliar, que ele até faz sozinho, mas é importante a família estar ali junto e cobrando, eu sou professora, eu sei disso. Eu senti muita dificuldade como mãe. No caso eu estava indo dormir, 1h30 da manhã, para fazer trabalho da faculdade. Acordando às 8h da manhã, porque as crianças têm que acordar, tomar café, aquela coisa toda. [...] Isso é outra coisa que cansa. [...] Tem que ter muita força de vontade e é mais um motivo que eu quero fazer um mestrado, quero ser professora de faculdade. Eu vou abrir meu coração, quando o aluno chega no ensino fundamental, no ensino médio, tem toda uma acolhida com o aluno, quando tu chegas na faculdade: "se tu quer, a porta da rua é serventia", e não deveria ser assim. Claro, é outro nível acadêmico, mas tem professores que é demais [...] a cobrança, claro tem que estudar, mas a questão humana. Teve uma professora, antes da pandemia, eu chegava atrasada na aula dela, eu moro na Zona Norte de Porto Alegre, eu largo a minha bebê na escolinha às 7h da manhã e meu companheiro trabalhava de madrugada, meu pai tem esquizofrenia, deixava meu filho mais velho com ele em casa. O Lucas tem 10 anos, ele se vira, mas Ana não, é bebê, usa fralda, mas ele não tem como assumir uma responsabilidade dessa. Eu largava ela [filha mais nova] na escolinha e chegava atrasada. Eu ouvi a professora: "chegou atrasada, tava fazendo festa." Fui na ouvidoria e eles ficaram apavorados. Teve uma vez que ela [professora] falou: "tu tens que entender que tu estás ocupando a vaga de outra pessoa". Eu estava fazendo o maior esforço para estar lá, eu tenho filho. Eu, como professora, tinha alunos que precisavam sair da aula para almoçar, para ir trabalhar, e eu não ficava constrangendo porque entendia. Essa professora estava me deixando constrangida na frente dos colegas, tanto é que os meus colegas ofereceram a casa deles para eu dormir e eu dizia: "como vou deixar meus filhos para pousar na casa de um colega, para a professora não pegar no meu pé?" A gente tem que ter uma flexibilidade, não é assim, tem professora que não precisa fazer um negócio desse. Não tenho mestrado ainda, mas se Deus quiser, vou ter e vou dizer: "[tu] não és os títulos, tu és um ser humano, tu tens que te colocar no lugar de outras pessoas". Teve uma vez que disseram: "não quero saber dos teus problemas". Quando um aluno tem problemas, vai afetar na qualidade do ensino, do desenvolvimento deles, como um professor pode dizer que os problemas não importam? Foi bem complicado essa disciplina, tiveram outras também.

A falta de flexibilidade por parte dos professores chama a atenção. Lilian comenta que a ajuda psicológica oferecida pela prefeitura de Viamão - através do projeto Asas - auxiliou, e

muito, nas questões de saúde mental, tanto dos adultos quanto das crianças. Além disso, a creche da filha forneceu ajuda com alimentos, o que foi fundamental, mesmo com Lilian ainda recebendo o salário, uma vez que seu companheiro foi afastado do trabalho que antes fornecia o rancho: a “escolinha da minha filha que nos deu um rancho, nos ajudou: com leite, alimentação. Onde tinha ajuda a gente estava indo, porque realmente a alimentação ficou muito cara”. E, ao receber essa ajuda com alimentação, a família de Lilian doava o que conseguia para auxiliar a igreja a montar cestas básicas. Tal colaboração foi de extrema importância para diversas famílias durante a pandemia do coronavírus, uma vez que, segundo o IBGE⁶⁷, em 2020 a taxa média anual de desemprego no Brasil alcançou 13,8% da população. Agora, voltando às reivindicações do coletivo de mães discentes da UFRGS, Lilian retoma:

Eu vejo que o pessoal está muito afastado, no caso da carta que fizemos do Grupo de Mães com as nossas demandas, ficamos horas conversando e falando sobre. Eles leram, estava no período eleitoral, aí teve algumas chapas que nos deram retorno positivo, mas, infelizmente, a chapa que ganhou não deu muita bola. A gente ficou bem chateado com isso. E aí a gente vê que tem professores que desconhecem o grupo de mães, desconhecem essas questões que solicitamos. O documento que a universidade publicou, é o nosso norte. Eu vou ser bem sincera, eu evito bater de frente com o professor, de qualquer forma, eu preciso que ele me avalie. Eu percebo que se tu dizes algo pra um professor, ele já te prejudica, não deveria ser assim, eu não sou criança, conversando a gente se entende. Infelizmente tem professores assim. Em relação a isso, eu vejo que estou sobrecarregada com essas cobranças. No meu trabalho, a prefeitura ajudou as crianças com cestas básicas no começo, mas já pararam com isso. E como eu tinha relatado: tem alunos que venderam o telefone, que não estão participando do grupo da aula online, estão vendendo as coisas da aula online para poder se alimentar. E estão indo na escola pegar as atividades, tem o online, mas tem também as atividades que deixamos na escola. A escola nos retorna com essas atividades, tira foto dessas atividades, aluno por aluno e a gente salva no drive. A gente ainda não tem data de término das aulas, a secretaria ainda não deu esse retorno de quando vai terminar, tem pais que estão perguntando, porque estão trabalhando e fica puxado. Os pais estão trabalhando durante a semana e deixam [os filhos] com os avós, os tios e participam da aula online, mas têm dificuldades. A gente está tentando fazer esses atendimentos em grupo e individual também. A gente vê que as famílias estão tendo muitas dificuldades financeiras e a questão da internet, dizem que não tem dados para ver os vídeos, por isso gravo áudios. Na universidade eles não querem saber, colocam vídeos e a gente que se vire. Teve uma vez que eu estava só com o telefone e foi bem difícil, porque meu filho deixou de assistir às aulas porque a gente tinha que trabalhar. Mas a gente conseguiu recuperar, muito ruim esse período, faculdade, trabalho e ele a escola. A gente precisa totalmente de aparelhos. Nós ficamos só um mês,

⁶⁷ CRELIER, Cristiane. Desemprego recua na maioria dos estados na média anual para 2021. **Agência IBGE Notícias**, 2022. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/33034-desemprego-recua-na-maioria-dos-estados-na-media-anual-para-2021>>. Acesso em: 15, março 2023.

só um com telefone. Eu sei que as crianças estão passando, porque eu já passei. Eu tento ajudar com o que está ao meu alcance. [...] [Sobre a carta de mães:] Não atenderam as demandas, só uma ou duas, a questão de gravar as aulas. Ficamos muito felizes, porque realmente as vezes não conseguimos estar ali online, mas estava ali na carta do ensino remoto, estava previsto. Eu tenho um professor que não grava as aulas, só tira dúvidas. Ele coloca o planejamento durante a semana na plataforma e não grava as aulas, só tira dúvidas, mas são dúvidas importantes. Eu fiquei quieta, não quis fazer polêmica, porque os outros colegas estão conseguindo, mas do meu ponto de vista ele deveria gravar, sou mãe e trabalho, eu preciso daquilo. Na medida do possível, estou tentando participar dessas aulas online, mas teve dias que não consegui. [--] É do coletivo Mães da UFRGS. [...] Fizemos assim: manifestação das discentes mães. São mães do grupo da Arquitetura, História e Biologia. A gente percebe que nos cursos são poucas, mas dentro da UFRGS não somos poucas. O pessoal deveria, das COMGRADs, que estão na liderança, deveriam olhar esse grupo. Tem um pessoal na escola que trabalha com inclusão, a gente tem que tornar mais acessível, as aulas, o conhecimento e vemos que a UFRGS está tentando tornar algumas coisas mais acessíveis. Mas, para as mães, até compartilhamos no grupo: "somos meio martirizadas". A gente quer fazer faculdade e ter filhos, não queremos abrir mão da maternidade, tem pessoas que querem ter filhos. Quando colocamos essa carta, teve uma menina que compartilhou no Facebook: "querem estar na faculdade e ter filhos e ainda querem um olhar diferenciado", como se tivéssemos pedindo muito. Somos mãe, teremos direito à maternidade, parece que querem nos tirar o direito da maternidade.

Ao me deparar com a entrevista de Lilian, busquei a carta do coletivo de mães da UFRGS (anexo A) e acabei encontrando também outro documento relevante. Diversas docentes da UFRGS, todas mulheres e mães, sensibilizaram-se com as demandas do coletivo de mães da UFRGS e lançaram sua própria manifestação direcionada aos colegas professores (anexo B):

Somos mães, docentes de diferentes cursos da UFRGS. Temos acompanhado de perto muitas discentes de graduação mães nestas últimas semanas, através do grupo Mães na UFRGS. Nos tem causado muita revolta os relatos que estamos recebendo destas alunas desde o início do Ensino Remoto Emergencial. Nos espanta que precisemos lembrar aos colegas que muitas destas alunas estão sem rede de apoio neste momento, com creches/escolas fechadas e sem a possibilidade de auxílio de terceiros. [...] Rogamos a todos os colegas que parem por um minuto e pensem se suas práticas neste momento estão sendo excludentes para as alunas mães e todos outros alunos que têm sua realidade distinta daquela de um aluno que pode dedicar-se exclusivamente aos estudos no cenário atual. Muitas das mudanças necessárias são simples. Que tenhamos empatia nesta situação tão delicada que nos encontramos diante da pandemia. E lutemos por uma universidade verdadeiramente excelente.

Chama a atenção o fato de que, até o momento da elaboração deste trabalho, não encontrei sequer um documento ou manifestação de homens/pais docentes ou discentes da UFRGS. Por que será?

Voltando aos relatos referentes a trabalho, em setembro de 2020, Gabriela Rodriguez (estudante de Agronomia na UFRGS, 22 anos, negra) contou que sua mãe estava trabalhando em uma casa de família, na qual ia uma ou duas vezes por semana, tomando as precauções necessárias impostas pela pandemia do coronavírus (usando máscara e álcool gel, por exemplo). Os patrões, em contrapartida, pareciam não se importar com as medidas de segurança em relação à mãe de Gabriela, como verificamos no trecho abaixo:

Ela ficou um mês [isolada] porque nessa casa onde ela trabalha são pessoas de idade, e aí ela estava com medo de acabar ela levando alguma coisa pra eles. Mas aí [...] depois de um tempo ela foi lá pra ver como é que eles estavam e pra trabalhar lá, e ela percebeu que eles estavam saindo muito mais do que ela. Eles que, enfim, são pessoas com mais idade, estavam saindo, vivendo a rotina normal como se nada estivesse acontecendo. E aí ela voltou a trabalhar lá, também normal. Uma ou duas vezes por semana que ela ia, depois desse um mês [isolada]. Mas também indo com máscara, mesmo sendo em casa [...] usando álcool em gel e prevenindo ao máximo do que pode acontecer.

Na segunda entrevista com Gabriela, realizada em julho de 2021, ela conta que sua mãe solicitou aos patrões que também usassem máscara, afinal eles já haviam sido contaminados pelo vírus anteriormente e não estavam praticando o isolamento de forma correta. A reação não foi positiva. Gabriela e sua família pediram à mãe que não fosse trabalhar durante aquela semana, tendo em vista a negação dos patrões em prezar pela sua segurança. Eles levaram para o lado pessoal, como relata Gabriela, e acabaram demitindo sua mãe, dizendo que ela os havia abandonado no momento em que eles mais precisavam dela. Analisando a situação a partir da perspectiva interseccional, vemos como o entrelaçamento das questões de gênero, raça e classe contribuem para expôr, especialmente, mulheres negras de baixa renda à maior vulnerabilidade econômica e, também, ao vírus, já que muitas dessas trabalhadoras não tiveram como realizar isolamento social. Como aponta Natalia Méndez, na pandemia patriarcal foram as

mulheres que, devido à intersecção entre gênero, classe e raça, desempenham as funções de principais “cuidadoras” da sociedade. Este aspecto é fundamental para entender como opera a pandemia do patriarcado. Em um momento no qual o espaço doméstico via isolamento social se torna o refúgio possível, há uma imensa massa de mulheres que ou não puderam aderir ao “fica em casa” ou, permanecer em casa significava um risco à vida. Fica a pergunta: quem cuida de quem cuida?⁶⁸

⁶⁸ MÉNDEZ, Natalia. Feminismo e Política: Confrontando a Pandemia Patriarcal, 2021. Disponível em:

<<https://www.esquinademocratica.com/post/feminismo-e-pol%C3%ADtica-confrontando-a-pandemia-patriarcal>>. Acesso em: 15, dezembro 2022.

Para exemplificar, a autora retoma o caso de Dona Cleonice, uma mulher negra, de 63 anos e empregada doméstica, que foi a primeira vítima de covid-19 documentada no Brasil, em 2020. Ela contraiu o vírus dos patrões, que haviam retornado da Itália e, assim como os patrões da mãe de Gabriela, negligenciaram a gravidade da pandemia e não cogitaram abrir mão do trabalho doméstico exercido por Cleonice. Méndez prossegue:

É uma conta que não fecha, porque essas mulheres, principais cuidadoras sociais, não têm quem as cuide e, portanto, suas vidas e das suas famílias se tornam, cada vez mais, vidas desprovidas de condições dignas de existência. [...] Estas questões não são novidade, em especial para as pensadoras que teorizaram sobre as relações raciais e de gênero no Brasil. Em artigo originalmente publicado nos anos 1990, a cientista social Luiza Bairros, analisava as características do sistema patriarcal racista brasileiro, salientando que “o que se espera das domésticas é que cuidem do bem-estar dos outros, que até desenvolvam laços afetivos com os que dela precisam sem no entanto deixarem de ser trabalhadoras economicamente exploradas”. (2020, p.213). Ou seja, é uma relação onde a dedicação e o cuidado é uma via de mão única, exigida apenas das trabalhadoras. De novo, quem cuida dessas cuidadoras?⁶⁹

Quantas atitudes negacionistas em relação à pandemia de covid-19, como as dos patrões de Cleonice e dos da mãe de Gabriela, acabaram ocasionando mortes e afetando psicológica e economicamente os e as trabalhadoras? No artigo *Mercado de Trabalho e Pandemia da Covid-19: Ampliação de Desigualdades já Existentes?* os autores refletem sobre a realidade enfrentada por trabalhadores e trabalhadoras frente à pandemia:

Os trabalhadores em situação de maior precariedade no mercado de trabalho, os impossibilitados de realizar seu trabalho a distância e aqueles do setor informal da economia são os que possuem maior risco de perder a ocupação. Também as mulheres devem ser afetadas de forma diferenciada nessa crise devido à ausência de atividades escolares presenciais e ao aumento das atividades domésticas e de cuidados (...). Os mais afetados em termos de perda de ocupação foram as mulheres, os mais jovens, os pretos e os com menor nível de escolaridade (...). Tais resultados são corroborados pela evidência internacional sobre os efeitos da crise da pandemia da covid-19 sobre o mercado de trabalho.⁷⁰

A entrevistada Simone Ramos de Oliveira, apresentada anteriormente, mora sozinha com a filha em uma comunidade no Morro Santana. Em setembro de 2020, contou às entrevistadoras que decidiu participar da pesquisa em razão da vontade de compartilhar sua

⁶⁹ MÉNDEZ, Natalia. *Feminismo e Política: Confrontando a Pandemia Patriarcal*, 2021. Disponível em:

<<https://www.esquinademocratica.com/post/feminismo-e-pol%C3%ADtica-confrontando-a-pandemia-patriarcal>>. Acesso em: 15, dezembro 2022.

⁷⁰ BARBOSA, Ana Luísa de N. Holanda; COSTA, Joana Simões; Marcos HECKSHER. Mercado de trabalho e pandemia da covid 19: ampliação das desigualdades já existentes? *Mercado de Trabalho*, n. 69, jul. 2020. Disponível em:

<http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10186/1/bmt_69_mercdetrabalho.pdf>. Acesso em: 21 mar 2023. p. 61

realidade, trazendo as limitações do isolamento social no contexto da comunidade onde vive. Ela narrou, entre outras questões, as dificuldades que enfrentou pelo fato de não ter computador em casa e nem acesso à internet, o que tornou impossível aderir ao *home office*:

Eu acho que essa função do... tanto do *home office* pra quem é trabalhador e tanto do isolamento pra quem mora nessas condições que eu te falei, é bem difícil, assim. Aqui em casa eu não tive essas condições, não, de fazer esse isolamento. Eu continuei pegando ônibus, eu continuei tendo que sair para a rua, eu continuei fazendo as coisas. Acho que se preservou muito a minha avó, a minha mãe continuou trabalhando também [...] num bar no centro. [...] os chefes dela deram o auxílio para que ela ficasse em casa, daí ela ficou em casa um mês. Aí depois de dois meses ela teve de novo porque ela tem bronquite, asma, mas ela esteve bem ruim, mas nada de procurar hospital, minha mãe não vai, ela não acessa a saúde, ela não gosta, e aí ela ficou de novo em casa. Daí ela voltou, então, agora para o trabalho já faz uns 45 dias, eu acho. Mas acho que a gente aqui em casa, muito nessa coisa de não ter tido esse tempo de ficar em casa mesmo, isolado, aquele que vai só o necessário no supermercado, assim, acho que não, a gente teve que continuar a vida da mesma forma tomando os cuidados necessários né: álcool gel, máscara. Mas saindo de manhã pra trabalhar, indo ao super de tarde. Em função dos cachorros, em função da casa. Aqui nunca tem água, então toda hora falta água, daí tem que descer, buscar água, tem que comprar a bombona de água.

Nesse sentido, Andréa Casa Nova Maia lembra que a pandemia de covid-19 expôs de forma acentuada as desigualdades, uma vez que o vírus “persegue os mais pobres, pessoas moradoras de regiões onde o saneamento básico não existe, pessoas que precisam lutar para pôr comida no prato e que agora precisam dividir seu dinheiro, que já é escasso, para comprar máscara e álcool em gel”⁷¹. Complementando, Natalia Méndez aponta que “em junho de 2020, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua) constatou que a pandemia retirou 7 milhões de mulheres do mercado de trabalho [...] no primeiro trimestre de 2020. O crescimento do desemprego entre as mulheres foi 25% superior ao dos homens”⁷². A autora explica que tal processo se deve ao fato de que

Historicamente, mulheres ocupam empregos mais precários, portanto, mais facilmente demissíveis, enfrentam maiores dificuldades tanto para conseguir uma vaga quanto para se manterem empregadas, situação diretamente vinculada à função social do “cuidado” que acumulam. Outro dado que mostra esse caráter de desvalorização do trabalho do cuidado: a taxa da população ocupada (geral) apresentou uma queda de 3,4%. Mas entre as empregadas domésticas essa taxa foi de 10%. Isso mostra que boa parte da classe média e alta brasileira, na hora de reorganizar a vida na quarentena,

⁷¹ MAIA, Andréa C. N. Arquivando a Pandemia: Projetos de historiador e “dever de memória”.

Estudos Ibero Americanos, v. 47, n. 3, p. e41291, 4 nov. 2021. p. 4

⁷² MÉNDEZ, Natalia. Feminismo e Política: Confrontando a Pandemia Patriarcal, 2021. Disponível em:

<<https://www.esquinademocratica.com/post/feminismo-e-pol%C3%ADtica-confrontando-a-pandemia-patriarcal>>. Acesso em: 15, dezembro 2022.

dispensou aquelas pessoas que eram “quase da família” para que ficassem em casa, só que sem salário. De novo, a pergunta: quem cuida de quem?⁷³

Vimos essa realidade escancarada através dos relatos das entrevistadas. Além do mais, não podemos esquecer de que entrevistas de História Oral trazem apenas recortes da vida das pessoas. Muitas podem escolher não abordar determinados assuntos, como a violência doméstica por exemplo. Sendo assim, os silêncios também são importantes quando pensamos em uma análise a partir da perspectiva de gênero. Bueno lembra que

Durante o isolamento no cotidiano de suas casas, entre homens e mulheres, no cumprimento de suas funções, ocorreram momentos de tensão em que o público feminino sofreu com a violência doméstica. De acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2020, p. 1-2), comparando-se as estatísticas de 2019 com o mesmo período em 2020, houve aumento nos casos de feminicídio, sendo maior a porcentagem entre as mulheres negras. Além da acentuada violência em relação à mulher negra, reconhece-se descaso com as conquistas registradas ao longo das últimas décadas no reconhecimento da contribuição dos afrodescendentes, particularmente das mulheres, em várias dimensões da vida em sociedade, para além de seu papel na economia. [...] Somam-se a esses fatos os dados do PNAD (2020, p. 38-40), que mostram queda no número de queixas das mulheres nas delegacias, no Ministério Público ou na Defensoria Pública. Segundo a análise dos especialistas, o clima de tensão no ambiente doméstico, a pressão psicológica masculina ou a presença dos agressores teriam ameaçado o agir feminino para o acesso às redes de proteção e aos canais de denúncia. Também as medidas de isolamento teriam favorecido esse clima de tensão, uma vez que, para o registro das queixas, exige-se a presença da vítima. Assim, a pandemia de covid-19 no Brasil fez aumentar a violência contra o público feminino, dissolver o apoio mútuo, acentuar o quadro de exclusão ainda que se registrem decisões em favor da mulher, como, por exemplo, a divulgação de informações em cartilhas, na internet e nas redes sociais, o que nem sempre foi acessível às camadas menos privilegiadas, contribuindo para agravar a desigualdade social.⁷⁴

Assim, lembramos que mesmo o que não foi dito ou analisado das entrevistas nesta pesquisa não deixam de ser temas relevantes. A violência doméstica é um exemplo de assunto sensível, sobre o qual certamente é mais complexo falar. Há também incontáveis questões trazidas pelas entrevistadas que não caberiam em apenas um trabalho, como as informações a respeito da adesão dos vizinhos e da família ao isolamento social, a própria questão do contágio pelo coronavírus, entre tantas outras. Na UFRGS, como mencionado no primeiro

⁷³ MÉNDEZ, Natalia. Feminismo e Política: Confrontando a Pandemia Patriarcal, 2021. Disponível em:

<<https://www.esquinademocratica.com/post/feminismo-e-pol%C3%ADtica-confrontando-a-pandemia-patriarcal>>. Acesso em: 15, dezembro 2022.

⁷⁴ BUENO, Wilma de Lara. História das mulheres em tempos de pandemia. **Filosofia e Educação**, [S. l.], v. 12, n. 3, 2021. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8661985>. Acesso em: 25 jun. 2022. p. 1559

capítulo, diversas pesquisas e trabalhos vêm sendo desenvolvidos a partir das fontes produzidas no projeto *Documentando*, indicativo de que os/as pesquisadores/as reconhecem a diversidade de possibilidades de análise proporcionadas pelas entrevistas de História Oral. Ademais, as próprias entrevistadas também demonstram valorizar a pesquisa realizada. Cristine Coitinho complementa que compartilhar esses relatos pode ajudar outras mulheres que passam por situações similares:

Não sei, acho tão legal esse tipo de projeto, porque ele acrescenta muito, ainda mais nessa... não é bem bagunça, mas é quase isso [risos] que a gente está vivendo, é quase uma bagunça. E tu poder ter a oportunidade de, além de uma informação, de repente tu se sentir acolhida, de certa forma, é importante. E eu penso que a minha realidade é a realidade de um monte de mulheres, que são mães, que tem que estudar, que estão vivendo sozinhas, e que às vezes ficam desmotivadas, [...] enfim, que passam por esses altos e baixos. Então se eu puder, de alguma forma, servir de companheira [risos] de alguém nisso, acho que já vai ser muito legal: ‘ah, eu sei o que ela está passando, é assim mesmo!’ [risos], eu acho que vai ser muito bom, acho muito lindo esse tipo de projeto que aproxima as pessoas, pessoas que nem se conhecem, então é muito legal.

Com isso, podemos concluir que participar do projeto pode ter constituído uma possibilidade de narrar e atribuir um sentido à sua experiência e, também, perceber-se como parte de um grupo social que estava compartilhando situações similares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em março de 2023, chegamos a mais de 699 mil óbitos por covid-19 no Brasil⁷⁵. Produzir um trabalho a respeito das experiências das entrevistadas durante a pandemia é uma tentativa de registrar a História Oral de mulheres, contribuir com as pesquisas necessárias para a elaboração de políticas públicas e de enfrentamento contra futuras pandemias e, além do mais, democratizar o acesso à memória. Percebemos, a partir dos relatos analisados neste trabalho, a ausência de políticas públicas que atendam mulheres de baixa renda que são trabalhadoras, estudantes e mães, fator que contribuiu para a dificuldade em conciliar vida pessoal e vida profissional. A solidariedade entre mulheres foi destacada nesta pesquisa enquanto um dos fatores cruciais para a continuidade dos estudos e atividades laborais de muitas delas, uma vez que as concepções da sociedade sobre a responsabilidade feminina nas tarefas domésticas e no cuidado dos filhos permaneceram inabaláveis, e foram inclusive intensificadas, no contexto da pandemia. Vimos que, mesmo com a sobrecarga de trabalho, as mulheres continuaram na luta, desempenhando suas demandas e, sobretudo, contribuindo umas com as outras.

Além do mais, as entrevistadas dispuseram-se a participar de uma pesquisa de História Oral, contribuindo com a escrita da História das Mulheres, da Pandemia de Covid-19 e com a pesquisa em ciências humanas e sociais, as quais auxiliam na avaliação dos impactos sociais e no que se refere a políticas contra-epidêmicas. Fazer História Oral só se mostrou possível no contexto da pandemia devido às pessoas que se dispuseram a participar das entrevistas. Dessa forma, o presente trabalho não teria sido possível sem a disposição tanto dos/as entrevistadores/as quanto dos/as entrevistados/as. As mulheres, enquanto sujeitas da pesquisa, ilustram o mapa de semelhanças e de diferenças que, segundo a definição da categoria *mulher* de Linda Nicholson, se cruzam. Em suma, agradeço e as parabeno por narrarem o presente e, assim, agirem sobre ele, pois diante da onda negacionista que viemos enfrentando nos últimos anos, registrar as vivências das pessoas, através de seus próprios testemunhos, auxilia a área das Ciências Humanas a compreender a pandemia e seus desdobramentos na sociedade, a fim de contribuir no combate ao negacionismo e auxiliar no enfrentamento de possíveis futuras pandemias.

A pandemia patriarcal, como podemos concluir, evidenciou os marcadores de gênero na vida das mulheres entrevistadas durante o período de distanciamento social (2020-2021). A

⁷⁵ MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Covid-19 no Brasil**, 2023. Disponível em: <https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html>. Acesso em: 20, março 2023.

hipótese colocada na introdução revelou-se verdadeira, pois as narrativas das mulheres trouxeram de maneira acentuada a esfera dos cuidados e, ademais, indicaram que houve uma diminuição no que se refere às possibilidades de dedicação aos estudos universitários proporcional ao tempo maior que precisaram investir nas atividades domésticas, especialmente no cuidado com as crianças, e nas atividades laborais, as quais por vezes acabaram sendo dobradas (caso da professora Lilian Carvalho). Além disso, como destacado anteriormente, o conceito de *gênero* possibilitou a análise crítica das fontes, mesmo sendo um termo em eterna contestação política, pois foi possível mobilizá-lo a fim de compreender as dinâmicas de poder e dos papéis sociais impostos às mulheres no contexto pandêmico. Somada a isso, a pesquisa em História Oral de mulheres auxilia no processo de democratização da memória e na inserção de sujeitos/as historicamente invisibilizados/as em trabalhos acadêmicos, demonstrando também uma preocupação em não objetificá-los/as, e sim destacá-los/as como agentes ativos, inclusive na própria produção do conhecimento.

Finalmente, retomo o raciocínio de Andréa C. N. Maia, que destaca o lembrar e o arquivar como fundamentais formas de resistência e como instrumentos de luta pela transformação social. Segundo a autora, os/as historiadores/as são responsáveis pela realização de pesquisas e pelo enfrentamento do passado e do presente, enquanto o arquivamento das experiências e testemunhos fornece conhecimento para o futuro sobre o que vivemos hoje. Pensando nisso, e relembro as tantas narrativas relacionadas à maternidade apresentadas neste trabalho, gostaria de encerrar com um trecho da entrevista de Angela Cristina Bastos Lummertz (2021), que perdeu sua mãe durante a pandemia, não com a intenção de naturalizar o amor materno, mas para honrarmos a memória das pessoas amadas que perdemos neste período pandêmico e para que mobilizemos esses testemunhos como resistência e como ferramenta de luta no futuro:

eu tenho gratidão pela vida, mas parece às vezes que é uma mentira [...] porque parece que a gente não tem alegria. E quando fica um buraco dessa perda que a gente tem é muito difícil de ser alegre. A gente agradece por estar vivo, mas esse buraco [da perda] da mãe não tem... é uma coisa que a gente não pensa, porque o amor de mãe é uma coisa... mãe é... eu não sei explicar. Mãe é tudo para a gente. E eu achava (a gente sempre acha quando a gente é filho, né) “ah, minha mãe está sempre ali”. E mãe é um amor que não te julga. Mãe é um amor, ele existe, e ele é tão maravilhoso. Quando a gente não tem mais esse amor, é como se a gente não tivesse mais amor, mesmo que você seja mãe, sabe? É diferente. Eu sinto muito diferente isso. Mas é bom a gente refletir também, sobre as coisas assim. E, embora eu e a minha mãe sempre tenhamos tido uma boa relação, de respeito e tudo, a minha mãe foi sempre muito amorosa, mesmo ela tendo sido adotada. A gente tinha [...] épocas bem difíceis. Eu lembro a minha época de adolescência que eu brigava muito com ela porque eu queria que ela se separasse do meu pai, porque eu achava que a vida ruim era por causa dele, e

que talvez melhorasse se ela se separasse. E eu dizia “como é que a senhora pode ter tido sete filhos?” e ela dizia “teria todos de novo”. Ela sempre dizia isso, “eu nunca vou me arrepender”. E eu acho tão lindo isso, uma pessoa que teve pouco amor de mãe ter tanto amor de mãe para dar. E a minha mãe, se há uma palavra que podia dizer dela era isso: **amor**.

ENTREVISTAS

CARVALHO, Lilian. Entrevista cedida a Eduarda Borges da Silva e José Augusto Zorzi. Porto Alegre/RS [por videoconferência]: 02 nov. 2020. (1 hora 8 minutos 52 segundos). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/repho/lilian-carvalho/>

COITINHO, Cristine Nunes Pujol. Entrevista cedida a Juliana Carolina da Silva e Regina Celia Lima Xavier. Viamão/RS; Ourinhos/SP; Porto Alegre/RS [por videoconferência]: 17 set. 2020. (49 minutos 50 segundos). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/repho/cristine-nunes-pujol-coitinho/>

COITINHO, Cristine Nunes Pujol. Entrevista cedida a Cláudia Mauch e Carlos Eduardo Barzotto. Viamão/RS; Porto Alegre/RS [por videoconferência]: 22 out. 2021. (30 minutos 39 segundos). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/repho/cristine-nunes-pujol-coitinho-2/>

LUMMERTZ, Ângela Cristina Bastos. Entrevista cedida a Ana Carolina Martinez e Evelin Stahlhoefer Cotta. Porto Alegre/RS; Viamão/RS [por videoconferência]: 14 mai. 2021. (2 horas 35 minutos 02 segundos). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/repho/angela-cristina-bastos-lummertz-parte-1/>

LUMMERTZ, Ângela Cristina Bastos. Entrevista cedida a Ana Carolina Martinez e Evelin Stahlhoefer Cotta. Porto Alegre/RS; Viamão/RS [por videoconferência]: 21 mai. 2021. (2 horas 06 minutos 54 segundos). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/repho/angela-cristina-bastos-lummertz-parte-2/>

MACHADO, Gabriela Rodriguez. Entrevista cedida a Claudia Mauch e Evelin Stahlhoefer Cotta. Porto Alegre/RS [por videoconferência]: 16 set. 2020. (33 minutos 49 segundos). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/repho/gabriela-rodriguez-machado/>

MACHADO, Gabriela Rodriguez. Entrevista cedida a Claudia Mauch e Evelin Stahlhoefer Cotta. Porto Alegre/RS [por videoconferência]: 15 jul. 2021. (27 minutos 28 segundos). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/repho/gabriela-rodriguez-machado-2/>

OLIVEIRA, Simone Ramos. Entrevista cedida a Carla Simone Rodeghero. Porto Alegre/RS [por videoconferência]: 26 set. 2020. (36 minutos 54 segundos). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/repho/simone-ramos-de-oliveira/>

OLIVEIRA, Simone Ramos. Entrevista cedida a Carla Simone Rodeghero e Marina Widholzer. Porto Alegre/RS [por videoconferência]: 07 out. 2020. (1 hora 21 minutos 44 segundos). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/repho/simone-ramos-de-oliveira-parte-2/>

SANCHEZ, Pilar Barcellos. Entrevista cedida a Alanna de Jesus Teixeira e José Augusto Zorzi. Porto Alegre/RS [por videoconferência]: 14 set. 2020. (59 minutos 36 segundos). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/repho/pilar-barcellos-sanchez/>

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

ASCOM SE/UNA-SUS. Organização Mundial de Saúde declara pandemia do novo Coronavírus. **UNA-SUS**, 2020. Disponível em: <<https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>>. Acesso em: 20, março 2023.

BARBOSA, Ana Luísa de N. Holanda; COSTA, Joana Simões; Marcos HECKSHER. Mercado de trabalho e pandemia da covid 19: ampliação das desigualdades já existentes? **Mercado de Trabalho**, n. 69, jul. 2020. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10186/1/bmt_69_mercdetrabalho.pdf>. Acesso em: 21 mar 2023.

BUENO, Wilma de Lara. História das mulheres em tempos de pandemia. **Filosofia e Educação**, [S. l.], v. 12, n. 3, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8661985>. Acesso em: 25 jun. 2022.

CRAMER, Jennifer A. “First, Do No Harm”: Tread Carefully Where Oral History, Trauma, and Current Crises Intersect, **The Oral History Review**, 47:2, 203-213, 2020.

CRELIER, Cristiane. Desemprego recua na maioria dos estados na média anual para 2021. **Agência IBGE Notícias**, 2022. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/33034-desemprego-recua-na-maioria-dos-estados-na-media-anual-para-2021>>. Acesso em: 15, março 2023.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**. Ano 10 vol. 1, 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>> Acesso em: 20 mar. 2023.

HARAWAY, Donna. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, (5), 7–41.

FERRARI, Andrea; KESSLER, Júlia; SARTORETTO, Carolina; SILVA, Milena da. Desamparo em Relatos: mulheres que são mães na pandemia de covid-19. **Revista Affectio Societatis**, Colombia, Vol. 19, N.º 37, julio-diciembre de 2022 Art. 9. p. 4. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/368977268_desamparo_en_relatos_mujeres_que_so_n_madres_en_la_pandemia_de_COVID-19

MACHADO, Cecília. Crise de gênero ou do mercado de trabalho. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 4 ago. 2020, Mercado Coronavírus, p. 18.

MAIA, Andréa C. N. Arquivando a Pandemia: Projetos de historiador e “dever de memória”. **Estudos Ibero Americanos**, v. 47, n. 3, p. e41291, 4 nov. 2021.

MEIHY, José C. S. B.; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. 2 ed., 9ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2022.

MÉNDEZ, Natalia. **Feminismo e Política: Confrontando a Pandemia Patriarcal**, 2021.

Disponível em:

<<https://www.esquinademocratica.com/post/feminismo-e-pol%C3%ADtica-confrontando-a-pandemia-patriarcal>>. Acesso em: 15, dezembro 2022.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Covid-19 no Brasil**, 2023. Disponível em:

<https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html>. Acesso em: 20, março 2023.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas** [online]. 2000, v. 8 n. 2. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11917>. Acesso em: 17 mar. 2023.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2019.

PORTELLI, Alessandro. **A História Oral como arte da escuta** / [tradução Ricardo Santhiago]. - São Paulo: Letra e Voz, 2016. - (Coleção Ideias)

RODEGHERO, Carla. A participação em entrevistas história oral: “riscos”, “danos” e “benefícios” em um projeto sobre a Covid-19. Encaminhado para publicação.

RODEGHERO, Carla Simone e WEIMER, Rodrigo de Azevedo. Pode a História Oral ajudar a adiar o fim do mundo? Covid-19: Tempo, Testemunho e História. **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro) [online]. 2021, v. 34, n. 74 [Acessado 15 Janeiro 2023], pp. 472-491. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S2178-149420210303>>. Epub 08 Out 2021. ISSN 2178-1494. <https://doi.org/10.1590/S2178-149420210303>.

ROVAI, Marta. VALENTE, Polyana. VASCONCELOS, Vânia. História oral, gênero e interseccionalidade. **História Oral**, v. 25 n. 1. março, 2022. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/issue/view/52>

SALVATICI, S. Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres. **História Oral**, [S. l.], v. 8, n. 1, 2009. DOI: 10.51880/ho.v8i1.114. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/114>. Acesso em: 15 jul. 2022.

SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, no 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SHAH, H. COVID-19 recovery: science isn’t enough to save us. **Nature**, London, v. 591, Mar.25, 2021. <https://doi.org/10.1038/d41586-021-00731-7>... apud RODEGHERO, Carla Simone e WEIMER, Rodrigo de Azevedo. Pode a História Oral ajudar a adiar o fim do mundo? Covid-19: Tempo, Testemunho e História. **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro) [online]. 2021, v. 34, n. 74 [Acessado 15 Janeiro 2023], p. 476

W. SCOTT, J.; EIRAS COELHO SOARES, T. de A. C. OS USOS E ABUSOS DO GÊNERO. **Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de**

História, [S. l.], v. 45, 2012. Disponível em:
<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/15018>. Acesso em: 8 mar. 2023.

ANEXO A - CARTA DO COLETIVO DE MÃES DA UFRGS

1. Proposta geral do Coletivo de Mães da UFRGS

O Coletivo de Mães da UFRGS surge como desdobramento da iniciativa de um grupo de estudantes-mães do curso de Biologia - inicialmente articulado na Semana Acadêmica da Biologia/2019 - que ao ampliar sua divulgação frente ao contexto de retomada das aulas na modalidade de Ensino Remoto Emergencial (ERE), em junho de 2020, foi capaz de aglutinar dezenas de mulheres-mães com diferentes vínculos com a Universidade. Esta iniciativa é, até onde sabemos, inédita na UFRGS, apesar da extrema relevância de pautar a temática da maternidade no contexto acadêmico. Percebemos, a partir dessa recente organização, a urgência da visibilização das demandas específicas das mães⁷⁶ que têm vínculo com a universidade e vivem realidades distintas enquanto discentes, servidoras técnicas ou docentes. Por isso, fazemos este documento para compartilhar nossas demandas com toda a comunidade acadêmica, com apelo especial às instâncias competentes para tomar medidas que visem a melhoria das condições aqui sinalizadas. Até este momento, o documento prioriza principalmente as demandas específicas das discentes, mesmo que muitas das dificuldades aqui elencadas contemplem também a realidade das servidoras técnicas e docentes.

A maternidade tem sido historicamente um fator de exclusão em diferentes níveis nas atividades relativas à formação universitária, devido às limitadas adequações das estruturas da instituição para acolher as demandas específicas desta categoria. Nos preocupamos especialmente com os efeitos das novas modalidades de ensino remoto no sentido de prejudicar ainda mais aquelas que conciliam as atividades acadêmicas com as tarefas implicadas em matinar. O contexto atual de isolamento social devido à pandemia de COVID-19, aumentou as demandas e desigualdades relativas ao trabalho doméstico e de maternagem - amplamente estudadas e debatidas inclusive em produções acadêmicas - e é imprescindível que a Universidade considere essas questões em sua reorganização atual.

Por isso, nos articulamos. Entre realidades diversas, temos em comum a maternidade e o vínculo com a Universidade, seja como discentes de graduação, pós-graduação, servidoras técnicas ou docentes. Ainda que a maternidade seja vivida de maneira singular por cada uma

⁷⁶ O debate se estende a todas as pessoas que assumem o lugar de cuidadoras primárias de crianças e adolescentes, que precisam adaptar demandas desses cuidados à sua atividade acadêmica e profissional vinculada à universidade. Poderíamos nos referir a pais e mães, porém, considerando que a esmagadora maioria das pessoas que assumem essa responsabilidade são as mulheres, e que o grupo está atualmente constituído exclusivamente por mães, manteremos essa nomenclatura ao longo de todo o documento. Esperamos poder ampliar este debate à paternidade também, em um momento próximo.

de nós, no decorrer de nosso percurso como integrantes da comunidade universitária encontramos os mesmos entraves. Com o intuito de expor essas questões e fomentar o debate acerca delas, pautamos abaixo nossas principais considerações e demandas frente a nossa realidade.

2. Principais dificuldades apontadas por mães da UFRGS

A exclusão das mulheres-mães é uma questão estrutural na nossa sociedade e se manifesta de diversas formas ao longo da nossa trajetória, se perpetuando de maneira agravada nos modos como a universidade se organiza e funciona. Considerando a sobreposição das demandas domésticas e das demandas da vida universitária, especialmente a pressão por demonstrar produtividade acadêmica - e ainda a necessidade de manter outros trabalhos, não podendo se dedicar exclusivamente aos estudos e pesquisa - vale destacar que não contamos com as estruturas e condições mínimas para dar conta do que a universidade demanda de nós.

Em muitas situações enfrentadas pelas mães na universidade frequentemente transparece a ideia - quem dera, apenas implícita - de que as mães não pertencem ao espaço universitário, gerando uma realidade que convida ativamente essas alunas à evasão. O tratamento dispensado às mães e a burocracia universitária se tornam, diversas vezes, entraves para a permanência das discentes na universidade. A inexistência de garantias formais frente às suas necessidades específicas, de comunicação adequada com professores, de acesso a auxílios específicos para a realidade materna e a falta de flexibilização de prazos e de frequência são alguns dos fatores mais evidentes na evasão por parte das discentes na condição de mãe.

O tratamento dispensado a essa categoria confirma o pré-conceito intrínseco ao universo acadêmico de que as condições das estudantes-mães seriam as mesmas condições dos demais. Sob a alegação de que “as regras são iguais para todos“, esconde-se a realidade de que as condições não o são e ignora-se a enorme carga mental e material - quase sempre atribuída às mães - envolvida em garantir os cuidados com os filhos, além de menosprezar a importância desse trabalho para a sociedade. Frequentemente, ao pautar esses temas, são culpabilizadas por não conseguirem produzir academicamente como aqueles que não têm filhos⁷⁷, têm suas dificuldades tratadas como se fossem questões individuais e a única solução

⁷⁷ Isto sem contar as vezes que são verbalmente culpabilizadas pelo simples fato de serem mães, ouvindo uma série de julgamentos morais próprios, de preconceitos misóginos, desrespeitando tanto as

que se apresenta é correr atrás do prejuízo individualmente, esperando contar com a sorte de se deparar com docentes e COMGRADs sensíveis à situação.

A partir da nossa articulação atual, reforçamos que existem temas que atravessam a realidade das mulheres mães e que precisam ser tratados como uma pauta coletiva não apenas pelas discentes que compõem essa instituição e vivem essa realidade no dia-a-dia, mas também pelas diferentes instâncias da Universidade que possuem a responsabilidade de tomar as medidas adequadas para tornar o ambiente acadêmico menos desigual e mais receptivo às alunas mães. Nos mobilizamos para exigir que nossas demandas sejam valorizadas e garantidas e que as dificuldades que tangem nossa permanência na Universidade não se intensifiquem neste período de crise econômica, sanitária e de implementação do ERE, que surge como mais uma preocupação para nós, visto que já estamos conciliando o inconciliável e teremos que adicionar mais uma atividade para a balança.

2.1 Dificuldades enfrentadas no contexto universitário anteriores a pandemia

A atual situação excepcional de inviabilização das atividades presenciais e reformulação de todas as instâncias da vida para a modalidade remota, gerada pela atual pandemia de COVID-19, foi o estopim que gerou esta articulação de mães da UFRGS. No entanto, como viemos salientando, as dificuldades próprias desta categoria estão presentes na vida universitária desde antes desta crise. Ao buscar subsídios para embasar nossas pautas, nos deparamos com a escassez de pesquisas com dados sobre maternidade e graduação, assim como percebemos a ausência de informações da própria universidade sobre a realidade deste contingente de estudantes. Ao começarmos a compartilhar em nosso grupo sobre os diferentes contextos já enfrentados individual e coletivamente, reunimos um número significativo de relatos que fundamentam as dificuldades abaixo elencadas:

- Sobre licença maternidade e período de amamentação:
 - Falta de regulamentação legal que determine/organize de maneira detalhada os direitos e procedimentos a serem respeitados durante o período de gestação, lactação e retorno às aulas;
 - Em muitos cursos, falta de clareza e acessibilidade nas informações sobre procedimentos necessários para a solicitação de licença gestante e sobre os direitos garantidos neste período. Temos inúmeros relatos de desacordo entre

escolhas individuais, quanto ignorando as pressões decorrentes da complexa situação da saúde sexual e reprodutiva no país, que faz da maternidade uma realidade nem sempre eletiva.

COMGRADs e docentes sobre os procedimentos de avaliação nas disciplinas ao retornar da licença, gerando uma série de situações em que as estudantes mães permanecem com conceitos não informados e disciplinas não finalizadas por vários semestres, devido à desarticulação e má vontade das próprias instâncias da universidade;

- Ausência de protocolo específico para que estudantes em período de lactação possam se ausentar durante o horário de aula para amamentar e/ou fazer coleta de leite, bem como inexistência de um ambiente confortável e reservado para esses momentos
- Interferência negativa na qualidade da amamentação relacionada à sobrecarga emocional ocasionada por cobranças excessivas por parte da universidade e dos docentes durante esse período
- Inconstância dos procedimentos referentes à entrega de documentos na Junta Médica, havendo casos em que foi exigida entrega **pessoalmente**, por parte da mãe, da certidão de nascimento do bebê antes de completar um mês de vida para garantir licença maternidade. Isto desconsidera a necessidade de resguardo das mulheres e recém nascidos durante o puerpério, momento de intensa dependência entre mãe-bebê e de recuperação pós-parto.
- Ausência de normativa sobre as adequações de aulas e avaliações práticas, quando necessário, ao período de gestação e lactância;
- Constrangimento por parte de professores quando faz-se necessária a presença de crianças para garantir a assistência da mãe às aulas;
- Estrutura precária da universidade para acolhimento de adultos com crianças, por exemplo a ausência de fraldários em praticamente todas as suas dependências, e ausência de vagas de estacionamento para gestantes.
- Pouca informação sobre os procedimentos necessários para que atestados de saúde dos filhos e filhas possam ser validados para justificar ausências em aulas e avaliações;
- Ausência de creche universitária onde as estudantes possam matricular os filhos e filhas;
- Auxílio creche insuficiente e desproporcional em relação ao custo médio de uma creche particular;

- Limitadas opções de horários de aulas que viabilizem uma organização da vida que permita conciliar atividades acadêmicas com a maternidade (considerando horários dos turnos escolares, por exemplo), especialmente para as alunas que trabalham.
- Sobre a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE):
 - Ausência de um atendimento específico para estudantes mães;
 - Pouca divulgação e disponibilidade de informações sobre os auxílios disponíveis para mães através da PRAE;
 - Impossibilidade de que filhos e filhas possam comer no Restaurante Universitário após seus 5 anos de idade, mesmo que fosse mediante pagamento de tíquete específico.
- Não previsão de flexibilidade de prazos por situações associadas à maternidade, e pouca disponibilidade de professores para negociações sobre estes casos;
- Situações de assédio moral e de constrangimentos de parte dos docentes em negociações bilaterais sobre licença maternidade ou eventuais demandas relacionadas à realidade da maternidade;
- Condição ampliada de vulnerabilidade no caso de estudantes negras, que vivenciam todas as situações acima listadas com os agravantes do racismo estrutural e institucional, que muitas vezes se expressam nas relações diretas com professores e instâncias da universidade.
- Da mesma forma, as estudantes mães indígenas vivenciam uma série de condições especialmente adversas em sua presença na universidade, uma vez que as situações anteriormente citadas consideram aceitável e desejável a separação entre mães e filhos, o que conflita diretamente com seus modos de vida e concepções de mundo e maternidade.

2.2 Dificuldades atuais associadas à maternidade em contexto de pandemia

As sobrecargas mencionadas até aqui se agravaram e modificaram com o contexto de isolamento social gerado pela pandemia de COVID-19, e isto deve ser considerado para qualquer previsão de novas atividades na universidade. Mesmo se estas situações afetam as pessoas que exercem a parentalidade de crianças de diferentes idades - desde a primeira infância, até a adolescência -, sobrecarregam especialmente as mães, que por motivos sociais e culturais acumulam as funções de cuidados; São elas:

- Sobrecarga devido ao acúmulo de trabalho doméstico, cuidados com os filhos, acompanhamento das atividades escolares destes nas modalidades à distância e alterações nas dinâmicas de trabalho: seja pela adesão à modalidade home office, seja pela sobrecarga de estresse incluída em trabalhos presenciais que representam risco de contágio, ou ainda pela ausência de trabalho e suas implicações devido ao agravamento da crise econômica.
- Sobre as crianças em idade escolar, enquanto anteriormente o horário da aula dos filhos garantia um tempo que as mães podiam dedicar aos seus próprios estudos, agora além desse tempo não mais existir, as demandas escolares recaem sobre elas. Destacamos que, desde a educação infantil até o ensino médio, as aulas de instituições públicas e privadas têm se mantido na modalidade à distância, portanto além das demandas de cuidados cotidianos, soma-se a necessidade de acompanhar as atividades escolares das crianças. Esta tarefa se acumula gradualmente na presença de mais de um filho ou filha, em diferentes idades, com diferentes demandas;
- Grave sobrecarga gerada pelas limitações dos espaços domésticos para prover adequadamente as necessidades de estímulos para o desenvolvimento infantil, acarretando em sérios efeitos na saúde física e mental tanto das crianças, quanto das mães e cuidadoras(es);
- Impossibilidade de estabelecer horários fixos e manter longos períodos de conexão para assistir aulas de maneira síncrona;
- Dificuldades de espaços e horários na dinâmica doméstica que permitam a concentração necessária para os estudos, inclusive fora dos horários das aulas;
- Dificuldade de acesso à tecnologia necessária para muitas demandas acadêmicas: equipamento eletrônico, conexão de internet de boa qualidade, disponibilidade de dispositivos em horários específicos;
- Ausência de uma rede de apoio no que diz respeito aos cuidados com filhas e filhos, tanto por conta do isolamento causado pela COVID-19, quanto por motivos anteriores à pandemia;

2.3 Dificuldades específicas das discentes de Pós-graduação

- Falta de sistematização processual do pedido de licença-maternidade e prorrogação de prazos e bolsas. Uma vez que cada programa cuida disso internamente, a falta de informação é bem grande. Seria extremamente importante haver um protocolo padrão

para estes pedidos, considerando de onde vem cada bolsa, a serem aplicados por todos os programas de pós graduação;

- Lei garante licença exclusivamente de alunas bolsistas, não havendo uma regulamentação para quem não é bolsista. Novamente, os casos ficam a cargo de cada Programa de Pós Graduação, o que gera sérios problemas de incertezas sobre os vínculos, prazos e procedimentos das alunas mães não bolsistas;
- Docentes da Pós-Graduação que desconsideram as boas práticas para processos seletivos em suas entrevistas, questionando de forma insinuada ou até mesmo abertamente se a candidata pretende engravidar. Esse comportamento é extremamente imoral, excludente e prejudicial à saúde psicológica das discentes e precisa ser extinto de toda e qualquer instituição respeitável;
- Exclusão arbitrária de alunas gestantes ou com filhos pequenos dos processos seletivos apesar da candidata preencher todos os requisitos de notas previstos nos editais;
- Programas de Pós-Graduação não transmitem informações precisas sobre a ampliação ou flexibilização de prazos para as qualificações e defesas no período de pandemia. Isso torna-se mais uma preocupação, além de toda a sobrecarga de trabalho supracitada;
- A continuação de orientações diante do contexto de isolamento social causado pela pandemia de COVID-19 não foi algo discutido entre alunas e professores. A falta de diálogo resultou em alunas sem instrução de como proceder por falta de contato com o professor ou alunas sobrecarregadas com constantes reuniões para orientação.

3. Demandas frente ao ERE

Frente às situações anteriormente mencionadas, e considerando a previsão de reformulação das atividades acadêmicas para a modalidade de Ensino Emergencial Remoto, fazem-se necessárias uma série de medidas específicas para dar conta de demandas geradas pela sobreposição da maternidade em período de pandemia com a dedicação à vida acadêmica. Elencamos neste documento especialmente as demandas específicas frente a este contexto, mesmo se ainda consideramos necessário que o debate sobre a maternidade se expanda também às questões anteriormente mencionadas, referentes às atividades acadêmicas na modalidade presencial.

3.1 Sobre benefícios de assistência estudantil

Considerando que desde o início da pandemia as discentes mães e suas famílias têm passado por várias situações que criam e acentuam vulnerabilidades, como demissão por corte de pessoal, demissão por discriminação em decorrência da realidade da maternidade durante a pandemia, diminuição da renda das trabalhadoras autônomas pela impossibilidade de manter a produtividade anterior devido às tarefas da maternidade e estudos em tempo integral, divórcio ou separação, etc., solicitamos, em caráter de urgência:

- **Abertura de edital para novas solicitações de benefícios PRAE;**
- Possibilidade de **análise socioeconômica baseada em dados do último mês ou referentes ao evento que causou a vulnerabilidade socioeconômica recente.**

3.2 Carta ao CEPE

Com o intuito de aproveitar este momento para visibilizar as pautas da maternidade, **garantindo que não seja uma questão novamente individualizada como se fosse interesse particular de cada estudante-mãe**, este Coletivo enviou ao Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão (CEPE) desta universidade a seguinte carta, com nossas demandas.:

“Prezados(as) Senhores(as) Conselheiros(as) do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE),

Objetivando a garantia de inclusão das pautas da maternidade na implantação do Ensino Remoto Emergencial (ERE), viemos coletivamente e após uma articulação de urgência realizada pelas discentes de cursos de Graduação e Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, apresentar demandas que consideramos que protegem as alunas mães e tornam mais viável a nova modalidade de ensino frente ao contexto atual de crise econômica e sanitária, e de isolamento social prolongado. Salientamos que este contexto de pandemia acentuou e exacerbou demandas e desigualdades relativas ao trabalho doméstico e de maternagem - que antes já configuravam uma forte desvantagem e fator de exclusão para as mães que buscavam graduar-se, questão essa amplamente estudada e debatida em produções acadêmicas nesta Universidade - e que não prever medidas de redução de danos à continuidade dos estudos de tantas discentes mães significará uma das maiores ações de exclusão já cometidas por parte da UFRGS. O caráter emergencial da nova modalidade não pode justificar uma marginalização ainda maior de grupos que já se encontram em situação de vulnerabilidade na Universidade.

Entre os agravantes surgidos durante a pandemia, considerando algumas questões específicas relativas à maternidade, destacamos a diminuição significativa das redes de apoio que permitiam a distribuição da carga de cuidados com as crianças; a necessidade de acompanhamento das crianças e adolescentes em idade escolar (desde ensino infantil, até ensino médio) que estão tendo aulas na modalidade à distância, tanto no ensino privado, quanto na rede pública; a sobrecarga representada pelas limitações dos espaços domésticos para prover adequadamente as necessidades de estímulos para o desenvolvimento infantil, e os efeitos disso na saúde física e mental; a dificuldade destes mesmos espaços e das dinâmicas de horários domésticos para permitir um ambiente adequado para realização de tarefas intelectuais.

A referida articulação foi realizada entre mães de diversas realidades, tendo em comum nosso vínculo com a UFRGS como discentes. Trata-se de uma organização autônoma, surgida espontaneamente para defender nossos direitos frente à iminência de retorno às atividades acadêmicas neste período que tem nos colocado intensas demandas e desafios.

Diante das colocações realizadas, fazem-se necessárias **medidas específicas, garantindo que os prejuízos que possam decorrer da aplicação do ERE para as discentes mães, bem como os modos de repará-los, sejam previstos na resolução que define tal modalidade de ensino**. Enfatizamos também que a proposta de solução que aponta liberdade para que cada aluna negocie diretamente através da respectiva COMGRAD do seu curso e/ou professores individualmente **não contempla** as alunas. Entendemos que essa condição nos colocará em situação de vulnerabilidade, sujeição a assédio moral e resultará em oportunidades desiguais para a conclusão do semestre. Portanto, sugerimos que considerem:

I. Da reparação de situações de exclusão já ocorridas e/ou em andamento

A. Nos casos de cursos que mantiveram, no período entre março e junho, o andamento das atividades e avaliações de disciplinas não previstas originalmente para serem ministradas à distância, decisão que ficou a critério de cada COMGRAD, - afetando diretamente as pessoas que não tinham condições de acompanhar esta modalidade de ensino - **solicitamos que sejam revistas de maneira a não prejudicar o currículo das alunas mães afetadas**. Pedimos a aplicação de **avaliação alternativa em caráter substitutivo** para repor as notas de avaliações ocorridas neste período, bem como fornecimento de material relativo às aulas perdidas e apoio didático através de monitorias direcionadas para a recuperação do conteúdo.

II. Das medidas de contenção de prejuízos para as discentes mães durante o período de vigência do Ensino Remoto Emergencial (ERE)

A. Que seja garantido, em todos os cursos/COMGRADs, **que todas as aulas e encontros coletivos de qualquer natureza sejam gravadas** caso ocorram síncronas, e sejam disponibilizadas assíncronas;

B. Que **não seja cobrada frequência** (presença síncrona no momento da atividade) e que não seja possível atribuir o conceito FF neste contexto;

C. Que **todo o conteúdo de estudo seja disponibilizado digitalmente pelos docentes**, com um cuidado especial em relação a alunas que não têm acesso a internet de qualidade.

a) Propomos o formato de PODCAST, material entregue na forma de áudio, que garante que outras atividades possam ser atendidas enquanto realizada a escuta do material. Este formato permite também que pessoas com menor qualidade de conexão com a internet consigam obter o material com maior facilidade.

D. **Que não haja avaliações síncronas;**

E. Que as discentes mães tenham **prazos ampliados em pelo menos 75%** em relação aos outros alunos nas avaliações, podendo ser ainda mais flexibilizados;

F. Que as discentes mães tenham **direito a avaliação alternativa substitutiva caso considerem necessário**, quando inviável realizar a carga de avaliações propostas no plano de ensino previsto;

G. Que **seja aberto um canal especial para as discentes mães, para comunicação com os professores e monitores para esclarecimento de dúvidas;**

H. **Aumento de disponibilidade das monitorias** para resolução não apenas de dúvidas sobre os conteúdos, mas também sobre **questões técnicas relativas ao acesso aos conteúdos e plataformas utilizadas;**

I. Para as disciplinas com carga horária prática: **reconsiderar a realização de atividades que tenham por finalidade substituir as práticas durante a vigência do ERE, se houver a intenção de reaver essas atividades presencialmente quando da**

normalização das aulas. Essa medida visa evitar que as discentes precisem cumprir o dobro da carga horária prática prevista para serem aprovadas naquelas disciplinas, tornando a conclusão do curso ainda mais desafiadora que o normal.

J. Adicionar ao calendário acadêmico do ERE a abertura de período de matrícula/inclusão de matrícula ou ajuste de matrícula, que permita inclusão de novas disciplinas, assim como quebras de pré-requisito. Esse pedido é devido a algumas alunas, no semestre 2020/1, terem se inscrito em disciplinas com aulas práticas que possivelmente serão canceladas e agora necessitam de novas matrículas em aulas teóricas. Lembrando que a matrícula de 2020/1 foi realizada há 5 meses e o planejamento em relação a horários, rotinas, possibilidades e responsabilidades - que já mudam naturalmente no decorrer de tantos meses - sofreu grande impacto com o contexto de pandemia e essas mudanças se acentuam com a nova modalidade de ensino. Apenas o cancelamento das disciplinas (proposto pela PROGRAD), sem a opção de substituição por outras, acarreta em menor aproveitamento e prejuízo dos alunos de toda a Universidade, inclusive atrasando prováveis formaturas. Isto pode afetar de maneira especial as discentes mães, que já tendem a ter seus calendários acadêmicos atrasados pelas dificuldades de conciliação de horários, conforme exposto anteriormente.

K. Caso seja inviável haver novo período de inclusão de disciplinas no calendário acadêmico, adicionar na regulamentação do Ensino Remoto Emergencial exigência de que as COMGRADs façam inclusão de matrículas via processo SEI, com flexibilização de requisitos para matrículas fora de prazo, com o intuito de minimizar o prejuízo das alunas e de todos os alunos da Universidade em geral.

Postas as nossas questões, confiamos na intenção das senhoras e senhores de agir de forma a facilitar a inclusão destas alunas que, tradicionalmente, já encontram tantos entraves em suas trajetórias acadêmicas e que neste momento encontram-se em uma situação de vulnerabilidade acentuada e inédita. Pensamos que as demandas descritas aqui podem ser atendidas com pouco ou nenhum prejuízo à organização geral de COMGRADs e professores; não obstante, tais medidas terão grande impacto ao permitir que muitas alunas possam dar continuidade à sua formação e não sejam ainda mais prejudicadas pela trágica conjuntura que todos enfrentamos.

Coletivo de Mães UFRGS

maediscentesufrgs@gmail.com

4. Considerações finais

Conforme mencionado ao longo do texto, este documento é o reflexo de um primeiro e recente encontro entre mulheres mães ligadas à UFRGS, e expressa os principais desafios e demandas que conseguimos identificar no que se refere às nossas vivências na interseção entre maternidade e vida acadêmica. Pretendemos com este documento visibilizar as questões que nos afetam, sensibilizar a comunidade acadêmica a este respeito, e responsabilizar as estruturas desta instituição que deveriam responder às necessidades aqui sinalizadas.

Apesar de entendermos como responsabilidade da instituição e suas instâncias a coleta e análise de dados realistas - e demais informações necessárias - pertinentes às mulheres mães na universidade, este grupo coloca-se interessado em compreender a classe de maneira mais ampla e detalhada e aproximar o conjunto todo de mães vinculadas à UFRGS. Para este fim, está em estágio de desenvolvimento um formulário que questione e aponte a realidade das mulheres mães ligadas à Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porém, ainda há muito por fazer.

ANEXO B - MANIFESTO DOCENTES MÃES

Somos mães, docentes de diferentes cursos da UFRGS.

Temos acompanhado de perto muitas discentes de graduação mães nestas últimas semanas, através do grupo Mães na UFRGS.

Nos tem causado muita revolta os relatos que estamos recebendo destas alunas desde o início do Ensino Remoto Emergencial. Nos espanta que precisemos lembrar aos colegas que muitas destas alunas estão sem rede de apoio neste momento, com creches/escolas fechadas e sem a possibilidade de auxílio de terceiros. Para estas alunas, atividades síncronas são inviáveis. Mas para além disso, a possibilidade destas alunas seguirem com seus estudos neste momento é prejudicada imensamente quando existem cobranças diárias para entrega de trabalhos e realização de atividades. É comum o sentimento de que as cobranças estão muito maiores agora do que quando em ensino presencial. Muitas de nós, docentes, testemunhamos isso ao ver planos de ensino de colegas que adotaram avaliações em todas as aulas ou cujas avaliações envolvem realização de trabalhos complexos com prazos exíguos. Exemplos disso não nos faltam. Infelizmente, o que nos falta, é enxergar um esforço coletivo para que este semestre não seja determinante para que estas alunas evadam da universidade. Se criamos um sistema onde a única opção para alunas mães seja excluir todas (ou boa parte das) suas disciplinas, falhamos imensamente neste processo.

De maneira nenhuma queremos que a qualidade do ensino seja comprometida, muito menos que as alunas em questão não sejam avaliadas de maneira adequada. Mas é nossa obrigação, enquanto educadores, entender que precisaremos mais do que nunca de flexibilidade e bom senso durante o ERE.

Rogamos a todos os colegas que parem por um minuto e pensem se suas práticas neste momento estão sendo excludentes para as alunas mães e todos outros alunos que têm sua realidade distinta daquela de um aluno que pode dedicar-se exclusivamente aos estudos no cenário atual. Muitas das mudanças necessárias são simples.

Que tenhamos empatia nesta situação tão delicada que nos encontramos diante da pandemia.

E lutemos por uma universidade verdadeiramente excelente.

Fernanda Staniscuaski - Docente do Instituto de Biociências

Vanessa Aquino - Docente da FABICO

Mariana Terossi - Docente do Instituto de Biociências

Maríndia Deprá - Docente do Instituto de Biociências

Miriam Telichevesky - Docente do Instituto de Matemática e Estatística

Bárbara A. Rodrigues de Spuza- Docente da FABICO

Aline Cristiane Pan - Docente do Campus Litoral Norte

Natalia Pietra Méndez - Docente do IFCH

Lisandra Oliveira e Silva - Docente da ESEFID

Fabiene Gama - Docente do IFCH

Marina Câmara - Docente do Instituto de Artes

Melissa de Mattos Pimenta - Docente do IFCH

Fabíola Rohden - Docente do IFCH

Rochele Fellini Fachinetto - Docente do IFCH

Lorena Fleury - Docente do IFCH

Maria Lúcia Moritz - Docente do IFCH

Andréa Fachel Leal - Docente do IFCH

Camila Penna de Castro - Docente do IFCH

Adriana Dorfman - Docente do IGEO

Adriana Neumann - Docente do IME

Rossana Colla Soletti - Docente do Campus Litoral Norte

Elisabete Búrigo - Docente do IME

Liliane Ferrari Giordani - Docente da FACED

Doris Almeida - Docente da FACED

Julice Salvagni - Docente da Escola de Administração

Aline Cunha - Docente da FACED

Natália de Lacerda Gil - Docente da FACED

Fernanda Reichert - Docente da Escola de Administração

Joana Mohr - Docente do IME

Ida Vanessa D.Schwartz - Docente do Instituto de Biociências e HCPA

Luisa R. Doering - Docente do IME

Paula Beatriz de Araujo - Docente do Instituto de Biociências

Débora da Silva Soares - Docente do IME

Sabrina Nicolodi Viegas - Docente do Instituto de Física

Cydara Cavedon Ripoll - Docente do PPGEMAT

Daniela Borges Pavani - Docente do Instituto de Física

Jéssica Krislei Costa Figueró - Docente do IFCH

Tais Freitas - Docente do IGEO

Isabel Nogueira - Docente do Instituto de Artes

Marília Raquel A. Stein - Docente do Instituto de Artes

Russel Teresinha Dutra da Rosa - Docente da Faculdade de Educação

Maria Cecília Chiara Moço - Docente do Instituto de Biociências

Sinthia Cristina Batista - Docente do Campus Litoral Norte

Raquel Janissek Muniz - Docente da Escola de Administração

Flávia Malta Branco - Docente do IME

Cláudia Luisa Zeferino Pires - Docente do IGEO

Cláudia Calegari Marques - Docente Instituto de Biociências